

Os Frutos Dourados do Pequizeiro

CG – Não circula
fora da BC



134.3(817.3)-34
fru

199210 1463



5545

Os frutos dourados do pequizeiro

marietta telles machado

O OUTRO UNIVERSO

Dos contos excelentes às crônicas felizes, dos poemas inspirados ao encantamento do teatro e das estórias infantis, Marietta Telles Machado parte, neste livro, para um outro universo em que o maravilhoso, o fantástico e o poético se cruzam, se interpõem num amalgamento de inspiração e de beleza.

Nestas páginas de grande suavidade estilística e de amena pureza lingüística, deparamos com a fecunda imaginação da autora, buscando, muitas vezes, a indagação que parte do sócio-filosófico ao histórico, em aproveitamento de nosso potencial de grandeza em ambos os quadros.

Algumas de suas lendas, por isso tornam-se, sem dúvida, um elemento de ligação, um liame entre a ciência das coisas, a dos fatos e a da vida, nas quais há registros de lições, de sabedoria, de fenômenos, de crenças, com amplo condicionamento para fins educacionais.

A linguagem, fonte de toda manifestação artística, sustenta, aqui, o sabor das formas simples, que André Jolles tanto valoriza na autenticidade das lendas, dos mitos, das gestas, das adivinhações. Ela usa, com segurança, com eficiência, precioso vocabulário indígena, valorizando as páginas que o requerem.

Manifestações psíquicas ou espirituais, as lendas, segundo Joaquim Ribeiro, pela complexidade, sutileza e suavidade, constituem universo suscetível de variações que ampliam e enriquecem o gênero. E Marietta sabe refundi-las. Fá-lo de maneira segura e atraente, engrandecendo as variantes, transformando-as em novas páginas. Assim,

UFG
B.C.

As Cadeiras Espanolas de Estado Natural
da UFG,

UFG
B.C.

Oficio

OS FRUTOS
DOURADOS
DO PEQUIZEIRO

de acordo com o que consta no
meu livro de depósitos e propostas
de acordo com a legislação

Assinatura 25/03/99

UFG
B.C.



As Coleções Especiais da Biblioteca Central
da UFG,

ofereço

**OS FRUTOS
DOURADOS
DO PEQUIZEIRO**

de autoria

de minha irmã, que soube amar
sua terra e dedicou a profissão
de escritora e historiadora.

Jornal, 25/09/92

UFG
L.C.B.

Da Autora:

Girassóis em Transe (crônicas). Goiânia, Imprensa da UFG, 1968.

As Doze Voltas da Noite (contos). Goiânia, Oriente, 1970.

Encontros com Romãozinho (contos infantis). Goiânia, Oriente, 1976.

Narrativas do Quotidiano (contos). Goiânia, Oriente, 1978.

O Congresso das Bruxas (contos infantis). Goiânia, SEC/Líder, 1978.

O Burrinho do Presépio (contos infantis). Goiânia, Ed. da UFG, 1983.

A traição nas Terrinhas do Coelho (teatro infantil). Goiânia, Onda Editora Contemporânea, 1984.

Marietta Telles Machado

OS FRUTOS DOURADOS DO PEQUIZEIRO

199210 1463

6869.0(817.3)-3 MA



1000005545

*6869.0(817.3)-34
MAC
puc*



Goiânia
Editora da UCG
1985

© Copyright by 1985 Marietta Telles Machado

Capa e Projeto Gráfico: Laerte Araújo Pereira
Composição: José Resplandes e Luiz A. C. Faria
Revisão Lingüística: Profª Eclea Campos Ferreira
Arte Final: Francisco Wilson G. Moreira

CONSELHO EDITORIAL

Laura Chaer – Presidente
Braz José Coelho
Élio Garcia Duarte
Helena Godói de Sousa
Ruy Rocha Filho
Friedrich Kothen
Representante Discente

02/00

U. F. GO.	
BIBLIOTECA CENTRAL	
CO	12(S-60)
N	1463/92 *
VALOR	d - 40 000,00
DATA	13-10-92

CM 0000 3888 L

Cip - Brasil - Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da U.C.G.

M149 Machado, Marietta Telles
Os frutos dourados do pequiizeiro / Marietta Telles Machado.
- Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1985.
148 p.

1. Literatura goiana - Ficção. I. Título

C.D.U. 869.0(817.3)-34

012-85

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

1985

PREFÁCIO

SUMÁRIO



Prefácio	9
Lendas indígenas	
Lenda do Pequi	19
Lenda de Deridu e Tainá Biri ou o renascimento de uma nação	27
Lenda do Urutau	39
Lendas do ouro	
A Gruta Encantada	53
O sonho submerso	59
Tesouros desenterrados	67
Diabo Velho	87
Casos de Assombração e Outros	
A Casa da Torre	97
A Dama das Jóias	113
Aparição	121
Lagoa Santa	129
A Voz dos Sinos	135

PREFÁCIO



Nos dias atuais, em que os teclados das máquinas estão a serviço de uma literatura onde predomina a agressividade, erotismo, para não dizer obscenidades (parece que a palavra caiu da moda), em que a apelação à pornografia e recurso para conquistar leitores de gostos duvidosos, vem Marietta Telles Machado lavar a alma da gente com uma literatura sadia, agradável, que tem o mérito maior de enriquecer a cultura de quem o lê, especialmente crianças e jovens a quem é dirigida.

Autora de livros de crônicas e contos para adultos e de três livros para crianças ("Encontro com Romãozinho", "O Congresso das Bruxas" e "O Burrinho do Presépio"), Marietta Telles Machado, com a mesma facilidade, alcança em "Os Frutos Dourados do Pequizeiro" o leitor adulto, especialmente, porque, na alma de sua gente, índia ou "tori", é que ela foi buscar material para compor suas peças com tratamento inteligente, linguagem despojada e sem cacoetes.

Neste livro, que se inicia com lendas indígenas, lendas lendárias ou inventadas, criadas por ela mesma, com a "Lenda do Pequi", Marietta Telles cria um universo adequado, onde se movem figuras bem delineadas. Nas paisagens de densas florestas ou de campos abertos, onde o ipê floresce em gritos

de alegria sobre o verde dominante, onde cascateiam regatos ou correm mansos, pesados e misteriosos berocans, belas (todas são belas) filhas de tribos selvagens sofrem por amor. Amor ao jovem e valente guerreiro, amor ao filho roubado por um deus egoísta, amor ao branco, jovem intruso nos seus domínios.

São amores que nascem e se desfazem por obra de encantamentos.

Por obra de encantamento, uma linda selvagem transforma-se em borboleta colorida, enquanto o amado, morrendo, vira urutau que continua a cantar até hoje, no fundo da mata, o desaparecimento da mulher que amou. Por amor e por ciúmes, uma tribo inteira desaparece em guerra violenta. Seu único sobrevivente, um dia, quebra o encanto de uma avezinha verde e encontra a doce companheira para formar o casal que fará o renascimento de sua nobre e valorosa nação.

Sou avessa a falar de minhas reminiscências, mas o indianismo de Marietta me transporta à minha infância e à doce companhia de minha Mãe. Aí, não consigo deixar de referir-me às emoções daquela época.

As histórias que mamãe me contava não eram de fadas, príncipes, castelos e princesas encantadas. Nos momentos que sobravam dos seus muitos afazeres domésticos, eu queria que ela me falasse de sua vida, de seu universo, dos personagens que se movimentavam nos cenários em que passou sua meninice e juventude. É que ela nasceu e foi criada no Araguaia, ou melhor, numa bem equipada fazenda, cortada pelo rio Caiapó, que fazia barranca com o Berocan, que ela chamava de Rio Grande.

Suas histórias fascinavam porque eram de verdade, num mundo que, para mim, era de fantasia, tão diferente do meu. Histórias verdadeiras, fatos dos quais, se ela mesma nem sempre era personagem, teria, às vezes, assistido a seus personagens ou, ao menos, os conhecidos. Aí, é que entram os índios

(Bororos) que, um dia, vieram aldeiar-se bem junto à sede da fazenda. Os chefes dessa tribo já conheciam meu Avô, que lhes assegurou inteira liberdade de caçar nas suas matas, tirar côco, mel, enfim, de viverem ali com sua gente, em paz e harmonia com meus familiares. Por muito tempo, os Bororos estiveram na Fazenda do Funil, e era dessa convivência, dos acontecidos ali que eu gostava de ouvir minha mãe falar.

Os índios e as índias, velhos, jovens e crianças, todos ninhos, entravam e saíam com tranqüilidade de sua casa, levando frutos silvestres ou castanhas para as crianças. À saída apanhavam coisas que lhes interessavam como facas, tesouras e outros objetos, sem que ninguém percebesse. Dada pela falta do objeto, era só ir à aldeia e pedir o objeto de volta. Tudo se resolvia com amizade.

Eu me enternecia muito com o caso da índia que, à época, estava amamentando um nenen. Essa mulher, apenas chegava à casa de Vovô e se abancava, chamava ao colo a pequerrucha da casa que, também ainda mamava, e lhe oferecia os peitos entumescidos. E a menina aceitava, sem preconceitos, a generosa oferta e se fartava com gosto.

Eu reconstituía, na imaginação, a figura da caçulinha branca, gatinhando espontaneamente para os braços e as tetas da mãe índia, que sorria com aquela satisfação pela confiança conquistada. Desse fato que eu não me cansava de ouvir contar, ficou a lembrança no apelido que a irmã de minha Mãe carregou por toda a vida. Era a tia Arede, que na pia batismal e no Cartório se chamou Marietta, xará da autora deste livro.

Depois, eu vivi naquela fazenda sem os Bororos mas com suas histórias e sua memória.

Marietta trouxe histórias e lendas indígenas, leite que alimentou minha imaginação, pedaço de meu mundo particular, espólio que guardo com carinho, por isso devo pedir desculpas pela digressão.

Do mundo do "tori" o folclore ganha da autora harmo-



nioso tratamento literário. No desenrolar das lendas, os personagens dos tiranos senhores e dos humildes e humilhados negros cativos assumem os caracteres próprios de uma época em que o ouro, a ambição eram o fim último da existência do branco, como prefigurou, artisticamente, Marietta Telles Machado.

Forrada de ouro, ocultando rebrilhantes pedras preciosas, guardadas por seres fantásticos, existiu uma gruta misteriosa, onde ninguém podia entrar, sob pena de ser devorado pela gana dos fiéis guardiões. Vítima da mesma ambição da posse do ouro, centenas de vida desapareceram sob as águas que, em borbotões, jorravam da "Cabeça de touro".

Por bem não devo falar das ressonâncias dos "Sinós de Pilar", da astúcia do "Diabo Velho", dos escombros malassombrados da "Casa da Torre" e em outras tantas estórias que compõem o livro, mas devia tecer comentários sobre a técnica da escritora goiana Marietta Telles Machado, já consagrada nos arraiais das letras goianas e brasileiras. Mas basta dizer que o livro está aí: bem acabado, limpo, saído das mãos de uma talentosa contadora de estórias, que domina o ofício de escrever para todos os paladares.

Um livro de encantamentos, visões e duendes com roupagem nova, que povoam a imaginação das gentes da terra é um presente às estantes goianas e uma resposta àqueles que procuram saber se se faz literatura em Goiás.

Como o prefácio nada acrescenta ao valor de um livro, prefiro não ocupar mais espaço em considerações outras, e dizer aos leitores que minha amiga Marietta Telles Machado soube realizar uma obra digna de louvor e que, estou certa, agrada a gregos e goianos. À autora, eu digo: Siga, Marietta, continue a contar aos de hoje e aos de amanhã aquelas histórias e lendas que os de ontem contaram e ainda contam, com o mesmo carinho e o mesmo amor como você fez com arte nestas páginas.

Sei que o êxito do livro está garantido e que os leitores
lhe ficarão agradecidos.

Obrigada pela honra que me deu ao entregar-me os origi-
nais e o convite a ocupar estas primeiras páginas.

Regina Lacerda



Dedico aos meus frutos e

- Anistete Machado Teles*
- Glória Teles (in memoriam)*
- Angélica de Souza Machado*
- Francisco Pereira de Oliveira*
(in memoriam)

Também aos caros amigos:

- Maria Luiza de Souza Sampaio*
- Luz Henrique de Souza*
- Wilton Sales*

*A Eclis Campos Ferreira, na certeza
de que, se os frutos são bons, muitos
aparecerão no plantio e as colheitas.*



Dedico esses meus frutos a

- Auristella Machado Telles*
- Olavo Telles (In memoriam)*
- Angélica de Souza Machado*
- Francisco Pereira de Oliveira*
(In memoriam)

Também aos caros amigos:

Maria Luiza de Souza Sampaio
Luiz Henrique de Souza
Wilton Sales.

e

à Eclea Campos Ferreira, na certeza
de que, se os frutos são bons, muitos
ajudaram no plantio e na colheita.



LENDA DO FEQUÍ

“E canta ainda mais, iara, encanta o azul da inconstância e a permanência real dos prodígios e fantasmas, as negras superstições que vão crescendo e polindo por dentro a consolação do meu poder de denúncia ou de revolta, nem sei. Sei é que haverá mais ânimo (ou feitiço, talvez) para ampliar minha estória além das linhas do mapa e aos quatro cantos do mundo que escondo no meu Goiás.”

Gilberto Mendonça Teles

“Mas, por isso, bem vês, goiano povo
A quem meus versos neste canto envio,
Mas a glória da pátria em que me louvo.
Em teu regaço em que melhor me fio,
Deponho a lyra e o canto audaz e novo:
Dá que a musa, animando a luz da história,
Da pátria cante a primitiva glória.”

Manuel L. de Carvalho Ramos.



LENDA DO PEQUI

Tamancão tinha uma filha estranha. Seus colegas deixam-na em casa, porque ela não obedecia a regra e levava o que queria. Ela era muito bonita e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ela. Ela era muito bonita e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ela. Ela era muito bonita e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ela.

Dick foi o primeiro a apaixonar-se por ela. Ele era muito rico e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ele. Ele era muito rico e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ele. Ele era muito rico e tinha um jeito de olhar que fazia os outros se apaixonarem por ele.

O tempo foi passando, passando. No meio do amor, eles não perceberam quanto tempo se passou. Eles não perceberam quanto tempo se passou.



Tainá-racan tinha os olhos cor de noite estrelada. Seus cabelos desciam pelas espáduas como um tufo de seda negra e luzidia. O andar era elegante, cadenciado, macio como o de uma deusa passeando, flor entre flores, no seio da mata. Maluá botou os olhos em Tainá-racan e o coração saltou, louco e fogueiro, no peito do jovem e formoso guerreiro. "Ela é mesmo linda como a estrela da manhã. Quero-a para minha esposa. Hei de amá-la enquanto durar a minha vida!"

Doce foi o encontro e, juntos e casados, a vida dos dois era bela e alegre como o ipê florido. De madrugada, Maluá saía para a caça e para a pesca, enquanto a esposa tecia os colares, as esteiras, moqueava o peixe, preparando o calugi para ofertar ao amado, quando ele chegasse com o cesto às costas, carregado de peixe e frutas, as mais viçosas, para oferecer-lhe.

O tempo foi passando, passando. No enlevo do amor, eles não perceberam quantas vezes a lua viajou pela arcada azul do céu, quantas vezes o sol veio e se escondeu na sua casa do horizonte. Floriram os ipês. Caíram as flores. Amarelaram as folhas, que o vento levava em loucas revoadas pelos campos. Os vermelhos cajus arcavam de fartura e beleza os galhos dos cajueiros. As castanhas escondiam-se no seio da terra boa. Rebentavam-se em brotos, e novos cajueiros des-

pontavam. As cigarras enchiam as matas com sua forte sinfonia e sua vida evolava-se, aos poucos, em cada nota de seu canto. Nascimentos, mortes, transformações e os dias andando, andando.

Após três anos de casamento, numa noite bonita, em que o rio era um calmo dorso de prata à luz do luar e os bichos noturnos cantavam fundas tristezas e medos, Maluá encostou a cabeça no peito de Tainá-racan e apertou-a com ternura. No olhar de ambos, há muito, havia uma sombra. Nenhum deles tinha a coragem de falar. Uma palavra de mágoa, temiam, poderia quebrar o encanto de seu amor. A beleza da noite estremecia o coração sensível de Tainá-racan. Ela ajuntou a alma dos lábios e perguntou com a voz trêmula, em sussurro:

— Estás triste, amado meu? Nem é preciso que respondas. Há tempo vejo uma sombra nos teus olhos.

— Sim, respondeu o valente guerreiro. Tu sabes que eu estou triste e tu também estás. A dor é a mesma.

— Onde está nosso filho que Cananxiué não quer mandar?

— Sim, onde está nosso filho? . . .

Maluá alisou com carinho o ventre da formosa esposa. “E o nosso filho não vem”, murmurou. Dois pequeninos rios de lágrimas deslizaram pelas faces coradas de Tainá-racan. Um vento forte perpassou pela floresta. Uma nuvem escura cobriu a lua, que não mais tornava de prata as águas mansas do rio. Trovões reboaram ao longe. Maluá envolveu Tainá-racan nos braços e amou-a. “Nosso filho virá sim. Cananxiué no-lo mandará.”

Quando os ipês voltaram a florir, no ano seguinte, numa madrugada alegre, nasceu Uadi — o Arco-iris. Era lindo, gordinho, tinha os olhos cor da noite estrelada como os da mãe e era forte como o pai. Mas, havia nele algo diferente, algo que espantou o pai, a mãe, a tribo inteira: Uadi tinha os

cabelos dourados como as flores do ipê. Maluá recebeu o nascimento do filho como um presente de Cananxiué. Seu coração, contudo, estremeceu com a singularidade dele. Começou a espalhar pela tribo a lenda de que o menino era filho de Cananxiué. O menino crescia cheio de encanto, alegria e de uma inteligência incomum. Fascinava a mãe, o pai, a aldeia, a tribo toda. Com rapidez incrível aprendeu o nome das coisas e dos bichos. Sabia cantar as baladas tristes e alegres que a mãe ensinava. Era a alegria e a festa da mãe, do pai, da tribo.

Um dia, Maluá, com outros guerreiros, foi chamado para a luta. Os olhos pretos de Tainá-racan encheram-se de lágrimas. O rostinho vivo de Uadi se ensombreceu. À despedida, seus bracinhos agarram-se ao pescoço do pai e ele falou: "Papai, vou-me embora para a noite, depois, chegarei à casa de Tainá-racan, a mãe, lá no céu." E seu dedinho róseo apontou o horizonte. O corpo de bronze do guerreiro se estremeceu. Seus lábios moveram-se, mas as palavras teimavam em não sair. Ele apertou, com força, o menino nos braços e, por fim, falou: "Que é isso, filhinho, tu não vais para lugar nenhum, nenhum deus te arrancará de mim. A tua casa é a casa de tua mãe, Tainá-racan, aqui na terra, e a de teu pai. Se for preciso, não partirei para a guerra. Ficarei contigo."

Nesse momento, Cananxiué, o senhor de todas as matas, de todos os animais, de todos os montes, de todos os vales, de todas as águas e de todas as flores, desceu do céu sob a forma de Andrerura, a arara vermelha, e gritou, um grito forte: "Vim buscar meu filho!" Agarrou-o e levou-o pelos ares. Tainá-racan e Maluá caíram de joelhos. O guerreiro abriu os braços gritando: "O filho é nosso, sua casa é a casa de sua mãe, Tainá-racan, aqui na terra! Devolve meu filho, Cananxiué!" O grito de Maluá ecoou pela mata, ferindo de dor o silêncio. O peito do guerreiro palpitava de sofrimento como uma montanha ferida pelo terremoto. O velho chefe guerreiro aproxi-



mou-se dele, bateu-lhe no ombro e bradou: "Teus companheiras já partem. Maior que tua dor é tua honra de guerreiro e a glória de nossa tribo! Vai, meu filho. Cananxiué buscou o que é dele. Muitos outros filhos ele te dará. Tainá-racan é jovem. Tu és jovem. Vai, guerreiro, não deixa a dor matar tua coragem!"

Maluá partiu. Tainá-racan encostou a fronte da terra, onde pouco antes pisavam os pezinhos encantados de Uadi. Chorou. Chorou. Chorou três dias e três noites. Então, Cananxiué se apiedou dela. Baixou à terra e disse: "Das tuas lágrimas nascerá uma planta, que se transformará numa árvore copada. Ela dará flores cheirosas que os veados, capivaras e lobos virão comer nas noites de luar. Depois, nascerão os frutos. Dentro da casca verde, os frutos serão dourados como os cabelos de Uadi. Mas a semente será cheia de espinhos, como os espinhos da dor de teu coração de mãe. Seu aroma será tão tentador e inesquecível que aquele que provar do fruto e gostar, amá-lo-á para jamais o esquecer. Como também amará a terra que o produziu. Todos os anos, encherei, generosamente, sua copa de frutos, que os galhos se curvarão com a fatura. Ele se espalhará pelos campos, irá para a mesa dos pobres e dos ricos. Quem estiver longe e não puder comê-lo, sentirá uma saudade doida de seu aroma. Nenhum sabor o substituirá. Ele há de dourar todos os alimentos com que se misturar e, na mesa em que estiver, seu odor predominará sobre todos. Ele há de dourar também os licores, para a alegria da alma."

Tainá-racan ergueu o olhar, aquele olhar onde brilhou a primeira estrela da consolação. E perguntou ao deus:

— Como se chamará, Cananxiué, esse fruto bom, cujo coração são os espinhos de minha dor, cuja cor são os cabelos de ouro de Uadi e cujo aroma é inesquecível como o cheiro dessa mata, onde brinquei com meu filhinho?

— Chamar-se-á Ramauó, pequi, minha filha. Quero ver-te alegre de novo, pois te darei muitos filhos, fortes e sadios como Maluá. E teu marido voltará cheio de glória da batalha, pois muitos séculos se passarão até que nasça um guerreiro tão destemido e tão honrado! Ele comerá deste fruto e gostará dele por toda a vida!”

Tainá-racan sorriu. E o pequizeiro começou a brotar.



LENDA DE DERIDU E TAINÁ
OU O RENASCIMENTO DE UMA NAÇÃO



LENDA DE DERIDU E TAINÁ-BIRI OU O RENASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

A volta e queda desta grande lenda é ainda hoje, oitenta e longa, há 100 anos, a história de uma nação que se deu ao mundo. O povo brasileiro, que se tornou o primeiro a ser chamado de "brasileiro", nasceu no Brasil. Quando saber? O primeiro, de onde mais se procura que a terra, ficou com a água e o vento e cheio de ar e respirando o Brasil. "Sim, você, eu quero saber, então!" Eu escrevo as histórias de quando eu fui. Se não gostou do texto do Lenni - Nunca a vi, mas acho muito bonito. Alguns de seus primos já se foram, mas ainda se vêem no mundo, também muitos de nós. — "O Lenni não vai no mundo, está vivo?" — Não, não está, respondeu a mãe e Lenni não está. Há uma jamaica, no Brasil, quando chega a Brasil Roba e quer. É preciso descobrir como quer a vida. Mas a história bonita e tem a vida também?

Assim, a vida começa.

Há muito e muito tempo, um infinito de tempo há, há um povo brasileiro, o povo brasileiro de hoje. Em alta e baixa, bondade e tristeza. Sempre alegre, quando chega, quando se encontra novamente. O Brasil é brasileiro, não é brasileiro, não é brasileiro, não é brasileiro. Talvez, você já tenha visto, em alguma cidade o rio de um rio, há 100 anos, a história de



A velha e gorda índia, gestos lentos e olhos bons, olhar longe, lá nas linhas do horizonte e do tempo, alisando os cabelos do lindo e sadio ariorêrioré, seu netinho, perguntou: “Queres saber, meu pequeno, como renasceu a nossa nação? Queres saber?” O menino, de olhos mais escuros que a noite, fitou com alegria o rosto redondo e cheio da avó e respondeu depressa: “Sim, vovó, eu quero saber, conte!” Ele adorava as histórias da querida avó. Só não gostava dos casos do Loteni. Nunca o vira, mas tinha muito medo dele. Alguns de seus primos já sentiram nas pernas as varadas do malvado, fantasma horrível de feio. — “O Loteni não está na história, está vovó?” — “Não, meu filho, respondeu a vó, o Loteni não está. Há uma parte muito triste, quando chega a cruel Robu, a morte. É preciso que você saiba que ela existe. Mas a estória é bonita e tem alegria também!”

Assim, a avó contou.

Há muito e muito tempo, um infinito de sóis e luas, havia um moço bonito, o mais formoso da tribo. Era alto e forte, bondoso e valente. Sempre alegre, quando sorria, seu rosto brilhava como um sol. Destro nas pescarias, ágil nos trabalhos, corajoso nos combates, Telerrine, esse era seu nome, esperava ansioso o dia de ser admitido no Retô-crê, a cabana de

reunião dos homens. Também aguardava com impaciência o dia de dançar pela primeira vez o *Idiaçó*, a dança do Aruanã. Preparava-se com entusiasmo, obedecendo com disciplina a todos os ensinamentos. Queria ser o “bicho” mais original, ter a máscara mais bem feita, os mais belos ornamentos. Falta só completar os seus dezesseis anos e esperar a noite de *arrandu-tiriman*, a lua cheia, para dançar pela primeira vez. Haveria de ser uma noite linda.

Na aldeia havia uma índia, *Diranauan*, bonita, mas bem mais velha que *Telerrine*. Criatura estranha. Apaixonou-se loucamente pelo jovem. Quando ele partia para a caça e a pesca, *Diranauan* suspirava de febril impaciência para tornar a vê-lo. Ela o espiava de longe, espreitava-o por entre os troncos das árvores. Na mata, seguia-lhe os passos. Aguardava-o na praia, quando ele voltava das viagens. *Telerrine*, admirado pelas mais belas flores da tribo, nem enxergava a apaixonada *Diranauan*.

Chegou o dia em que a *arrandu-tiriman* brilhou no céu, espalhando a doce claridade sobre a aldeia. Aquela era a noite do *Idiaçó*. *Telerrine*, cheio de emoção e respeito, ia dançar pela primeira vez. A dança começou. Ele era o mais importante dançarino. Executava os passos e o canto monótono com a mais perfeita exatidão, com um grande fervor místico. O *Idiaçó*, meu filho, é sagrado. Mesmo que algum companheiro ou assistente reconheça um dançarino disfarçado, ele jamais poderá revelar o seu nome, para ninguém. O segredo há de ser guardado, muito bem guardado, lá dentro de sua alma. Ai de quem falar! Terá a maldição de *Cananxiué* e o castigo da aldeia.

Diranauan, tresloucada de paixão, reconhece *Telerrine* até nas sombras. É capaz de descobri-lo e identificá-lo numa multidão de índios. Conhece-lhe os mínimos gestos, em qualquer circunstância. Sabe, dentre todos, distinguir seus pés e



suas mãos. Diranauan não é senhora de sua razão. A paixão a cega, joga-a para o abismo escuro.

Passaram os dançarinos, suas sombras projetadas sobre a areia alva, sob a luz cintilante da lua cheia. Ela os espia com os olhos muito abertos. Então, grita desvairada: "É ele, ali está Telerrine! É o mais lindo!" Aponta-o e quase se joga a seus pés. "Profanação! Profanação! Profanação!", grita a aldeia horrorizada. O doce e manso, bravo e belo Telerrine se enfurece. "Não, não pode ser! Maldita sejas, Diranauan, cobra suja! Pagará caro por isso!" Com ódio, rumou a borduna na cabeça da infeliz apaixonada. Os parentes de Diranauan, apesar de a considerarem culpada, correm em sua defesa, atacando Telerrine. A família e os companheiros de Telerrine puseram-se a seu lado! Formaram-se dois partidos. Um deles gritava: "Diranauan está louca de amor. Ela infringiu as leis da tribo, porque tem a razão transtornada. É preciso compreender e perdoar Diranauan!" O outro partido bradava: "É preciso defender com sangue as leis da tribo. Foi uma profanação. Castigo para ela!" O ódio foi tomando conta de todos os corações. As vestimentas sagradas do Idiaçu despedaçaram-se na peleja. A luta tornou-se feroz. Virou uma guerra implacável. Não mais o canto monocórdio do Aruanã subiu aos pés de Cananxiué, o senhor supremo. A lua cheia já não iluminava uma festa sagrada. As estrelas piscavam assustadas. As águas se arrepiavam de horror. A natureza silenciou encolhida de medo. A horrível Robu, a morte, trabalhava sem descanso. Por toda parte, sangue e gemidos, a vida abandonando os corpos. Assim sucedeu até que a lua se escondesse amedrontada no horizonte.

A barra do céu tingiu-se de dourado e vermelho. O sol veio vindo espantado. Seus raios tombavam sobre as areias banhadas de sangue. Morto estava Telerrine, morta estava Diranauan, mortas as mulheres e as crianças, mortos os dan-

çarinos, os guerreiros, os lutadores, os velhos, as feiticeiras, o chefe, o pajé.

Da mortandade, só restou um pequeno ariorê, o Deridu. Como Telerrine, seu herói e primo, Deridu era um menino bonito e esperto. Apesar das preparações para a festa, passara o dia brincando com os primos. Pegara um passarinho, de que tanto gostava, e iria criá-lo na gaiola que o pai lhe fez. Banhara-se no rio, lutara o Idiaçu, a luta livre. Quando crescesse, queria ser um campeão como Telerrine, o orgulho da tribo. Tanto andara Deridu, tanto exercício fizera, talvez excitado pelas perspectivas da festança, que, logo nos primeiros momentos do monótono canto do Aruanã, encostou-se no esteio de uma oca e dormiu. Tão intenso foi seu sono, que nada o despertou no correr da noite. Nem os gritos de guerra, nem o horror do extermínio de toda a tribo. Certamente, lá no alto, Cananxiué assim ordenara.

O dia amanheceu quente, o sol arregalado na manhã clara de céu azul. As aves cantavam tristes, apesar da luminosidade do dia. Os insetos agitavam-se. As águas do grande rio andavam, andavam para o sem fim do mundo, ora mansas, ora espertas, formando lagos ou despencando-se em cachoeiras. O rio era uma grande estrada. Corria sem parar, como a vida, sem nunca voltar atrás. Mas a vida tem um fim. O rio, não. O rosto de Deridu estava corado pela quentura dos raios do sol. Finalmente, ele se despertou e se pôs de pé. Estirou os braços, deu um bocejo, olhou o céu azul, limpo de nuvens. Observou por uns momentos. Estava tudo muito quieto. Teriam os homens partido para a pescaria? Onde andavam seus primos e amigos? E as mulheres? Elas falavam muito e riam alto. Por que dormira ali? Ah, agora se lembrava. Era a noite da festa. Mal começara o Aruanã, escorara naquele esteio e dormira. Por que sua mãe não veio buscá-lo? E esse silêncio esquisito! Onde estavam todos? Deridu caminhou uns passos em direção ao terreiro, onde, na noite anterior, se rea-

lizara o Idiaçu. Seus olhos negros se arregalaram. Seu coraçãozinho tremeu no peito. Sacudiu a cabeça para verificar se ainda dormia ou se tivera um sonho mau. Então, deu um grito, o mais forte grito que já se arrancara do peito de um pequeno e indefeso ariorê. E saiu correndo. Correu não se sabe quanto tempo. Correu sem olhar para trás. Saltou espinheiros, livrou-se de cipós, espantou aves e bichos. Por fim, caiu exausto, com o rosto encostado na terra úmida. Só lhe restava o doce aconchego da terra mãe. Chorou, pelo pai, chorou pela mãe, pelos irmãos, pelos primos e chorou mais ainda por Telerrine. Chorou de medo do Loteni, chorou de fome. Exausto, dormiu. Agitado foi seu sono, com sonhos cheios de demônios. Sonhou com a horrível Robu, de olhos ocos, querendo pegá-lo. Finalmente, acordou. Doida fome e sede o atormentavam. Sabia que estava sozinho e tinha de aprender a sobreviver. O pai era valente. Telerrine era valente. Ele não podia ter medo. Nem da Robu, nem do Loteni., Guiado pelo instinto, descobriu uma pequena mina d'água. A água fria e com gosto de raízes refrescou sua garganta ressequida. Conseguiu apanhar algumas frutas e comeu. Comeu até folhas. À noite, subiu numa árvore copada e ajeitou-se num dos galhos. Já não tinha medo de nada, nem da noite escura. Devagar foi aprendendo os segredos da mata. Os macacos, que antes fugiam, começaram a brincar sem ele, atirando-lhe cascas de fruta. Quando perceberam que Deridu não lhes queria fazer nenhum mal, ofereceram-lhes pedaços de mandioca, frutas e favos de mel. O ariorê não parava muito tempo em um mesmo lugar. Andava errante à procura de comida, de animais, de fontes de água, de um grande rio, quem sabe? De um único medo ele não se libertou: temia que a horrível Robu viesse em seu encalço e o matasse, junto com todos os seres vivos que encontrasse. Tinha pesadelos horríveis e acordava com seu próprio grito reboando dentro da mata.



Quando ele se decidia a partir, juntava suas coisas, o tosco arco que tentara fabricar, as flexas, a rede que trançara, a cesta de embira e se punha em marcha. Às vezes, ele gritava, falava alto em sua língua, mas ninguém lhe respondia. Tentara conversar com os macacos, mas que bichinhos burros! Não aprendiam nada, só sabiam dar guinchos.

Deridu errou por longos anos, sem parada e sem descanso, até que se tornou um adolescente forte, bonito, corajoso como Telerrine, seu herói de infância. Certo dia, quando carregava às costas seus pertences e vagava em busca de um novo sítio para acampar, descobriu um lago de grande beleza. Chegou de manso para não espantar as garças que nele pescavam e os patos que nadavam tranqüilos. E, oh! milagre!, Cananxiué o estava guiando!, encontrou uma oca muito bem acabada. Tudo nela estava bem arranjado! Quem seria o dono? Pertenceria a algum tori ou a uma família de índios? De vivo, só havia nela um periquito de lindas plumagens, que tagarelava palavras ininteligíveis e abria as asas numa algazarra feliz, como se estivesse saudando o visitante.

Deridu colocou as tralhas num toco à porta do rancho. Acocorou-se ali e seu olhar pousou no bonito lago, no vôo elegante das garças, no horizonte cor-de-rosa com o sol se indo. Esperou. A noite veio, com muitas estrelas. Os sapos coaxavam no lago. Uma doce paz desceu sobre a alma de Deridu. Diante do rancho, ele estendeu sua esteira e, sereno, dormiu. Teve sonhos bonitos. De madrugada, ele acordou. Estendeu os braços, como o jaburu abrindo suas extensas asas ao sol. Seu rosto se iluminou. Aquela lugar era bom. Parecia um paraíso. Cananxiué, na verdade, guiara seus passos. Agora, teria peixe em abundância. Podia assá-lo debaixo da areia, envolto em folhas, como vira sua mãe fazer na infância. Podia beber a água clara e pura da lagoa. Ah, Cananxiué era bom, muito bom mesmo! De imediato, jogou-se nas águas do lago, banhando-se, pulando, nadando com grande

espalhafato. Estava feliz. Depois tratou de pescar um bocado. Nunca vira tanto peixe. Maravilha das maravilhas! Enfiou os peixes num varal e levou-os para a cabana. Lá dentro, ainda se encontrava sozinho Biri, o periquito. Ninguém aparecera para expulsar Deridu de lá. Nenhum espírito maligno surgira para enfeitiçá-lo. Saiu para explorar os arredores, para observar a vegetação, os frutos, os animais, as aves. Quando sentiu fome e cansaço, voltou. Veio cantalorando restos de uma canção que ficara retida em sua memória e que agora brotara em sua mente como uma flor desabrochando. Aprendera-a com a mãe. Cantava, porque estava feliz. Falou com o periquito, tentando fazê-lo repetir algumas palavras de sua língua. E, oh espanto! — O periquito aprendeu a repetir seu nome: “Deridu!”

Todos os dias, quando a aurora começava a enrubescer o horizonte, Biri se punha falador e acordava o índio: “Deridu! Deridu! Deridu!”

O jovem índio nunca sentira sua alma tão cheia de felicidade. Não mais temia que a feia Robu, a de olhos ocos, se guisse seus passos, vindo ao seu encalço. De noite, descansava tranqüilo, sem sonhos ruins. Não mais lhe passava pela cabeça juntar os seus pertences e partir errante. Ninguém aparecia para lhe tomar a cabana, nem índio, nem tori. Só ele e Biri eram os donos.

Os dias se passavam. Iam-se passando. Era tempo de Irrandu-Tiriman atravessar o azul do céu. Deridu ficava horas e horas vendo a lua refletida no lago, lembrando-se daquela linda estória que a mãe lhe contara: a do moço índio que se apaixonara pela lua e, um dia, encontrando-a no lago; louco de amor, pulou para encontrar-se com ela. No seu desvario, morreu afogado. Mas o Senhor Supremo, comovido com tão grande amor, transformou-o numa linda planta aquática. Daí, ele podia namorar a lua pelo resto da vida! . . . Biri ficava empoleirado no seu ombro, tagarelando sem parar.

Um dia, Deridu voltou bem cansado de suas andanças. Há muito, procurava o urucum para pintar o rosto e o corpo. Como ficavam bonitos os moços pintados para os grandes dias de festas! Ele procurava também plantas para fazer a sua roça. Queria fabricar o calugi. Quando menino, o pai não o deixava tomar a bebida: "Isso é para gente grande. Quando você for moço, chegará a sua vez." Quando eu crescer, pensava, e for um lutador invencível, eu tomarei quanto calugi quiser. Deridu entrou no rancho e, como fazia todos os dias, gritou: "Biri! O papagaio, assanhado, abriu o bico e as asas, numa algazarra alegre, como se gargalhasse. Depois, repetiu sem parar: "Deridu!"

O moço colocou em um canto da cabana o cesto com as coisas que apanhara no mato. Dependurou o arco e acocorou-se a alisar a cabecinha de Biri. Então, lembrou-se de que tinha muita fome. Procurou os peixes que deixara no varal. Com espanto, verificou que estavam cozidos e muitos bem preparados. Uma penela grande estava cheia de calugi. Ele espiou, cauteloso, provou e deu um grito de alegria. Que comida saborosa! Que divino calugi! Teria Cananxiué mandado alguém para ajudá-lo? Comeu todo o peixe. Bebeu todo o calugi. Sentiu a alma flutuando. Estendeu a esteira e deitou-se. Não conseguia dormir. Mil imagens, lembranças, sonhos indefiníveis passavam pela sua mente. E pensava, sobretudo, no mistério de sua cabana.

Por dias e dias, ele andou desconfiado, espreitando as vizinhanças, observando, atento a tudo, aos menores ruídos. Havia o mesmo silêncio, quebrado apenas pelos sons que lhe eram familiares: o bater das asas das aves, a algaravia de Biri, o coaxar dos sapos, o urro da suçuarana no meio do mato, o uivo dos lobos famintos, o canto triste do urutau no fundo da noite. De novo, voltara para Deridu o sono sobressaltado. A imagem da horrível Robu dera para baixar nos seus sonhos. Até o Loteni aparecia, querendo surrá-lo, como fazia com os

meninos descuidados da aldeia. Às vezes, sonhava com uma grande festa em sua aldeia, com todos os homens dançando o Aruanã. Estavam todos vivos. Outra noite, sonhou que era o dia do casamento de Telerrine e que ele voltava com a canoa derramando peixes, conforme as cerimônias nupciais, e era aclamado por todos os membros da tribo. Despertava aflito e angustiado. De real, só havia o silêncio e o pio triste do urutau na escuridão da noite.

Continuou encontrando o peixe cozido e o calugi em abundância. Deridu resolveu, então, espreitar de tocaia. Escondeu-se de forma a poder observar, sem ser visto, tudo o que se passava dentro da cabana e seus arredores. Ele acabou de se colocar no seu esconderijo, quando viu, com espanto, Biri transformar-se numa linda índia. Ela ia e vinha trabalhando nas coisas caseiras da cabana. Saiu, rapidamente, de seu esconderijo e, esperto, agarrou pelos ombros a formosa jovem. Quem seria aquela doce e linda criatura, de tão negros cabelos e olhos maravilhosos? O coração de Deridu pulava, louco, no peito e seus lábios tremiam. A moça sorriu e disse mansamente: "Eu sou Tainá-Biri. Eu fui encantada por um feiticeiro mau. Você me tocou. Agora, quebrou-se o encantamento. Serei Tainá, nunca mais Biri."

Os olhos de Deribu encheram-se de lágrimas de tanta felicidade. Tainá-Biri continuou: — "Deribu, meu Deridu! Agora eu o chamo com meus lábios de mulher. Agora eu posso dizer que te amo!" Sua voz era mais doce que o murmúrio das cascatas. Só, então, Deridu recobrou a voz. Passou mansamente as mãos pelos cabelos macios da jovem e disse: — "Minha linda Tainá-Biri, serás minhas mulher, porque eu também te amo. Acabaram-se os nossos dias de escuridão. Teremos muitos filhos. Povoaremos as margens do grande rio. Dançaremos de novo o Idiaçu. Teremos uma aldeia grande, muitas aldeias, uma tribo tão extensa quanto os grãos de areia



do rio. Seremos fortes e poderosos. Cananxiué abençoou a minha espera!” Envolveu-a num forte abraço de amor.

Casaram-se e tiveram muitos filhos. Assim, a nossa nação reapareceu na face da terra. Forte e poderosa.

O pequeno ariorê tombou a cabeça no seio amoroso da gorda e paciente avó. Sorria enquanto ressonava.

Certamente, sonhava coisas bonitas.



A jovem tinha um corpo elegante, delicado e colorido como seu nome, Boboilé, um nome que significa borboleta.

A LENDA DO URUTAU

Boboilé, diziam os índios, era mais bonita e nome dela vale, é linda! ... Muito mais formosa que uma noite cheia de estrelas. Mais bela que uma garça cor-de-rosa desfilando sobre as águas doces do Urutau. Muito mais bonita que as cores do arco-íris. Todos os corações batiam por ela. Depois dela era o sonho de cada um dos jovens da tribo. No entanto, a nenhum era distinguiu com seu amor. Sua graça, seus sorrisos, seu jeito de olhar pareciam distantes como os encantos de uma deusa.

A fama da beleza da jovem tinha espalhado ao longo do rio. Aldeias, ribeiras e povoados tinham ouvido falar dela. Valentes guerreiros, canibais de guerra, destros caçadores, moços de diversas tribos, vinham à aldeia só para vê-la. Faziam enfeites e colações muito bons.

Em certa ocasião, espantou-se a notícia de que uma tribo poderosa vinha atacar a aldeia à noite, e foi de procurar o Urutau para que ele se unisse com o filho do cacique, o moço mais belo, mais valente e mais forte que a sua tribo. Por algum tempo, a aldeia viveu sob o domínio da tribo



A jovem índia era elegante, delicada e colorida como seu nome, Boboiê, que na língua nativa significava borboleta.

Boiboiê, diziam os moços, em cujos lábios o nome dela vivia, é linda ! . . . Muito mais formosa que uma noite cheia de estrelas. Mais bela que uma garça cor-de-rosa desfilando airoso pelas areias douradas do Berocan. Muito mais bonita que as cores do arco-íris. Todos os corações batiam por ela. Desposá-la era o sonho de cada um dos jovens da tribo. No entanto, a nenhum ela distinguia com seu amor. Sua graça, seus sorrisos, seu doce olhar pareciam distantes, como os encantos de uma deusa.

A fama da beleza da jovem índia espalhou-se ao longo do rio. Aldeias, tribos e povos tinham ouvido falar dela. Valentes guerreiros, campeões de idioma, destros caçadores, moços de diversos tribos, vinham à aldeia só para vê-la. Par-tiam enfeitiçados e voltavam muitas vezes.

Em certa ocasião, espalhou-se a notícia de que uma tribo poderosa vinha atacar a aldeia à traição, a fim de roubar Boboiê para que ela se casasse com o filho do cacique, o moço mais belo, mais valente e mais forte que o sol cobria. Por algum tempo, a aldeia viveu sobressaltada, sob o clima

do medo. Felizmente era mais uma lenda, dentre muitas outras, criada em torno da formosa menina.

A mãe de Boboiê começou a tornar-se preocupada. Observava que a filha, constantemente, ia mirar-se no espelho da lagoa, pondo-se a ajeitar os cabelos e a sorrir para a própria imagem. A menina era vaidosa. Exageradamente vaidosa. Parecia pensar apenas na própria formosura. É bem verdade que ela era uma boa filha, moça trabalhadora e habilidosa. Aprendera com rapidez os serviços que competiam à mulheres na aldeia. Os colares e cestos feitos por suas mãos eram perfeitos. Eram admiráveis o capricho de suas esteiras e o sabor do calugi por ela preparado. Mas que vaidade! Com que pouco caso tratava os moços que dela se aproximavam! Estava na hora de casar-se. A mãe já tratara do assunto. Nenhum jovem servia. O noivado dela com Tenaci foi uma vergonha. A mãe levava para a casa dele todos os pertences da filha, sinal de que o noivado estava oficializado. Era esse o uso da tribo. A filha recusou o casamento, bateu o pé e tanto chorou que o compromisso teve que ser desfeito. Tenaci viu-se coberto de vergonha e de ressentimento. O coração da família dele encheu-se de ódio, sentindo-se afrontada. Só não houve luta devido à intervenção do Ixan-dinandu, o chefe. Por muito tempo, Tenaci, com a dor boiando nos olhos escuros, vagou solitário pela mata, até que a tristeza e a vergonha passassem.

A mãe quis tratar do casamento dela com um guerreiro da aldeia vizinha. Não, Boboiê não quis.

Ninguém compreendia o mistério da formosa índia. Quando a mãe a repreendia, magoada e em silêncio ela corria para junto da lagoa para mirar-se no espelho das águas. As lágrimas brotavam, como contas de prata, nos seus olhos negros e inquietos. Boboiê tinha sonhos, sonhos que a ninguém segredava.

Estaria enfeitiçada? Consultaram o pajé. Revelou ele

que quando se concentrava para estudar o caso da bela jovem, tentando recorrer a seus poderes para ajudá-la, relâmpagos se cruzavam em sua cabeça e embaralhavam seus pensamentos. Não, não era capaz de decifrar o enigma de Bo-boiê.

Os moços da tribo continuaram apaixonados, discutindo e brigando na disputa do amor dela. Cada um guardando a esperança de que um dia fosse o eleito.

Uma tarde, os índios correram alvoroçados para a praia. Mulheres e crianças seguiram os homens sem compreender o que estava acontecendo. Cortando as águas do Berocan, vinha um barco veloz, bem mais veloz que as canoas pilotadas pelos índios destros. O barco foi-se aproximando. Seriam os toris? Era a primeira vez que eles apareciam naquelas paragens. De aldeia em aldeia, muitas histórias corriam a respeito deles. Toris bons, pacíficos, que traziam bonitos presentes e nada pediam. Toris maus, perigosos e traidores. O barco estava à pequena distância da praia. Podia-se ver bem nítidas as figuras de três homens brancos. Um deles tinha a cabeça prateada como o espelho da lagoa em noite de lua. O outro era um homem um pouco mais novo, moreno, queimado de sol. O terceiro, o mais jovem dos três, era um moço claro, de faces rosadas e uma cerrada barba negra. Os índios, assustados e receiosos, puseram-se em guarda. O barco atracou. Ixan-dinandu adiantou-se e perguntou com firmeza:

— Quem são vocês? O que querem?

— Estamos explorando o Berocan. Queremos só caçar e pescar. Trouxemos muitos presentes. Podemos ficar com vocês? Assim falou o homem de cabelos de prata, demonstrando conhecer muito bem a língua dos nativos.

O chefe retirou-se para junto de seus companheiros, a fim de consultá-los. Parlamentaram. Ele voltou para junto do barco, e disse:

— Podem, se não desobedecerem às leis da tribo, se não perturbarem nossa vida, se nos deixarem em paz.

O homem de cabelos de prata levantou a mão direita e falou:

— Nós somos de paz. Queremos ser amigos. Prometemos obedecer às leis da tribo. Os outros dois ergueram as mãos e acenaram para os índios. O chefe consentiu, então, que os toris desembarcassem. Os nativos rodearam-nos um pouco desconfiados, mas cheios de curiosidade, tocando as suas roupas, o relógio, a corrente de ouro que o tori barbudo tinha no pescoço.

Uma grande caixa foi descida do barco. Abriram-na e distribuíram os presentes para os índios, que os receberam cheios de contentamento.

Ao entregar um colar e uma pulseira de contas coloridas para Boboiê, o tori da barba negra notou, cheio de admiração, a sua beleza e a sua graça. A jovem recebeu o presente com alegria. O moço ensinou-a a colocar os adereços. Ela sorriu e correu para junto da lagoa para ver-se enfeitada. As contas de seu colar eram friinhas e faziam cócegas nos seus belos e delicados seios. Ela ria para a própria imagem, cheia da mais pura satisfação. Foi, então, que ela pensou no moço de barba. O tori era bonito! O tori era muito bonito! Ela brincou com as contas do colar. Apalpou a pulseira. Ficou uns minutos pensativa. Riu de novo e correu para a cabana para que a mãe a visse linda, com seus enfeites.

Muitas e muitas luas ficaram os toris na aldeia. Cabelo de Prata, Queimado e Barba Negra eram os nomes que os índios lhes deram. Índios e brancos tinham uma convivência pacífica. Os brancos caçavam e pescavam. Participavam das festas da aldeia. O Cabelo de Prata fazia anotações num caderno. Quando ele se punha a escrever, os índios rodeavam-no, pensando ser ele um feiticeiro bom a fazer sinais mágicos no papel. O Barba Negra tentava, noite e dia, aprender a lín-

gua Índia. O Queimado tocava violão nas noites de lua. Para o Ixan-Dinandu, ele era o filho de Cananxiué, enviado para alegrar a vida da aldeia com sua música divina.

Desde a chegada dos brancos, Boboiê tornou-se diferente. Estava mais sonhadora, sempre olhando longe, longe. Com capricho, penteava os lindos cabelos negros. Com frequência, contemplava-se no espelho. Só que agora tinha um espelho de verdade, presente do Barba Negra. Ela não dormia tranqüila, revirando-se inquieta na esteira pela noite a dentro. Distraía-se no tecer os cestos e esteiras. Errava sempre ao trançar as palhas. Escapulia o fio onde enfiava ossos e contas, deixando-os esparramarem-se e perderem-se na areia. A mãe observava tudo com uma sombra de preocupação debruçada em seu rosto.

Todos os dias, a menina corria para a beira do rio a esperar o barco dos toris. Sorria, radiante, quando o Barba Negra desembarcava, sempre trazendo-lhe um mimo, uma lembrancinha qualquer. O rosto do moço branco também se iluminava ao ver a bela Índia.

A mãe de Boboiê não perdia a filha de vista. Sabia de todos os seus passos e movimentos. Percebia os seus suspiros e seu olhar cada vez mais errante nas lonjuras. O sono da mãe era inquieto e povoado de sonhos feios e tristes. Ela temia pelo futuro da filha.

Com o tempo, Boboiê perdeu a timidez e o receio de falar com o Barba Negra. Cheia de graça e paciência, perdia horas ensinando a ele o nome das coisas, dos animais, das aves, das flores. Diga, Barba Negra: bedeió — e apontava para a abelha que voava em torno de sua cabeça perfumada. Assim: be-dei-ó. Non-irecá — e apontava a flor. Oú-oru — e abraçava o tronco da árvore, em cuja sombra os dois conversavam. Ria da má pronúncia dele, mandava-o repetir quantas vezes fosse preciso, até que falasse corretamente.

O jovem branco estava completamente enfeitiçado pelo

encanto da doce Índia. Na verdade, nunca a esqueceu, desde o instante em que a viu sorrir ao receber o colar de contas coloridas. Já não encontrava graça em sair com os companheiros para caçar e pescar. Desinteressou-se pelas viagens aos povoados e pequenas cidades ao longo do rio, onde iam de vez em quando fazer compras. Era-lhe difícil ficar um minuto longa daquela que já considerava sua amada. Boboiê ensinara-lhe o nome de tudo que estava ao alcance de seus olhos. Ensinara-lhe pequenas e simples frases para expressar desejos e sentimentos. Nas suas lições faltou apenas uma oração de três palavras, que é a mais significativa e a mais bela em todas as línguas: "Eu te amo!" Não era preciso. No seu olhar, nos seus gestos, nas suas palavras, dormindo ou acordado, estava dizendo a todo instante para Boboiê: "Eu te amo!"

Entretanto, a aldeia não via com bons olhos a amizade entre Boboiê o Barba Negra. A mais bela e a mais famosa Índia nascida ao longo do Berocan, flor preciosa, jóia de inigualável valor, ela representava um tesouro para a tribo. Ela recusara todos os pretendentes; todos os jovens de valor não serviam para seu esposo. Por que um tori desconhecido vinha roubá-la? Que tinha ele de melhor e de diferente? Era por acaso um deus?

Então, os índios decidiram reunir-se para discutir a questão. Os brancos, as mulheres e as crianças foram excluídos da assembléia, que durou um longo tempo. De longe, os brancos observavam a discussão nervosa, os gestos agitados, a palavra acalorada. Por fim, os toris foram chamados. Os nativos receberam-nos num silêncio hostil. O Ixan-dinandu mandou que eles se assentassem. Depois, levantou-se e começou a falar numa voz solene: "Toris nunca infringiram nossas leis. Viveram aqui em paz como amigos. Deram muitos presentes. Beberam o nosso calugi. Dançaram a nossa dança. Ajudaram como irmãos. Mas tori Barba Negra quer roubar Boboiê, nossa princesa, nosso tesouro. Ela está enfeitçada.

Apaixonada. Ela vai casar com um guerreiro de nossa nação. Nunca com um branco. Nunca! Se tori insistir, o ódio e a vingança vão envenenar nossos corações. Virá a luta e a morte. Não queremos ver o sangue de nossos amigos, primeiros toris a pisar nossas terras. Tori deve partir. Partir para sempre. Amanhã cedo, antes que o sol ilumine nossos rostos, o barco tem que ir embora. Não insistir para ficar. Branco não pode ficar!" Quando acabou o seu discurso, o chefe apontou para a cabana, onde viviam os três e disse para arrematar: — "Vão embora, preparem-se para partir, antes que a aurora chegue!" Cabelo de Prata quis falar. O Ixan-dinandu fez sinal a ele que se calasse e, num gesto, mandou que ele e os companheiros saíssem. Ele se inclinou diante do chefe e saiu seguido pelos dois amigos.

A decisão caiu como um raio sobre a alma de Boboiê. O Barba Negra partir? Nunca pensara em separar-se dele. Era a ele que amava. Era por ele que esperava. Era com ele que desejava casar-se. Não sabia de onde veio, nem se era valente. Que importava? Que importava que ele soubesse mal a sua língua, que tivesse pele clara, cabelos encaracolados e roupas esquisitas? Ela o amava. Só isso bastava. A ele entregaria seu corpo, seu coração e sua vida. Não seria de outro. Nunca, nunca, nunca. . .

Os três homens brancos receberam a decisão dos índios profundamente chocados. O Barba Negro sofria. Por diversas vezes Cabelo de Prata chamou a atenção dele: "Cuidado com esta amizade com a linda moça índia. Ela não é qualquer uma. É uma princesa, quase uma deusa para eles. Isso vai acabar mal! Eu conheço bem a natureza do índio. Você é jovem, muito jovem. É inexperiente em certas coisas da vida. Nunca lidou com os selvagens." Mas o Barba Negra estava com a cabeça transtornada. De nada adiantavam conselhos. Cabelo de Prata arrematou: — "Bem, vamos arrumar as coisas. O jeito é partir, já que somos indesejáveis. A situação

não tem conserto. Eles já deram a palavra final e ninguém os fará mudar de idéia. Apressemos-nos.”

O poente refletia-se no rio, horizonte e águas, confundindo-se no vermelho cor de fogo. De pé, à beira do Berocan, Barba Negra pensava com o rosto triste e o olhar distante. Viu as cores do pôr do sol extinguindo-se devagar e as sombras baixando. Viu as primeiras estrelas cintilando no céu. Depois veio a lua cheia, esplendorosa, espelhada nas águas. Enorme era a dor do coração do moço. Ele não queria partir. Nunca. Separar-se de Boboiê era privar-se da luz do sol. Permanecer na aldeia seria chegar a fagulha na fogueira do ódio. Não podia ofender a sua amada e nem apoderar-se dela a qualquer preço. Preferia morrer a magoá-la. Que seus companheiros partissem. Ele iria arriscar a ficar. Haveria uma saída. Tinha que haver. Lutaria por Boboiê e com ela começaria uma vida nova, apagando todo o seu passado. Ia renascer para uma outra existência.

Debalde os companheiros o chamaram para arrumar as coisas e descansar, até a hora da partida. Permaneceu à beira do Berocan, imóvel, espiando as águas andarem. Nada via, nada escutava. Seu pensamento, seu coração, sua alma tinha uma só imagem, um só nome: Boboiê. O eco na mata respondia o seu grito mudo: Bo . . . bo . . . iê . . . As estrelas piscavam e respondiam: Bo . . . bo . . . iê . . .

Boboiê chorou. Chorou até cansar. Suas pálpebras inchadas, seus olhos tristes, seus lábios trêmulos realçavam o mistério e o encanto de seu rosto doce e puro. Não andara ao léu pela taba, naquela tarde, como costumava fazer, a tagarelar com as outras moças, enquanto Barba Negra não regressava da caçada. Ao saber pela mãe a decisão tomada pelo Ixan-dinandu, não disse uma palavra. Recolheu-se à cabana.

Quando a aldeia foi dormir, e o silêncio da noite embalou o sono de todos, Boboiê saiu de manso. Pisava suavemente a areia como se voasse. A brisa fresca da noite roçava seus

cabelos. O coração guiava-a. Sabia onde ele estava. E foi diretamente ao encontro dele. O moço pressentiu o rumor dos passos da amada. Virou-se e veio correndo recebê-la. Ele a esperava. Envolveram-se num abraço febril. Depois ela apertou a cabeça dele contra seus seios perfumados. Então, trêmulo, ele depositou naqueles lábios com gosto de fruta silvestre, com uma imensa ternura, o seu primeiro beijo de amor.

Cananxiué era ciúmento. Ele não queria que nenhum homem, fosse guerreiro, ixan-dinandu, branco, humano ou deus, viesse de onde viesse, de que nação fosse, tocasse naquela que há muito escolhera para ser uma de suas amadas. Ela estava destinada a ir morar lá na sua casa de ouro e flores, de lagos azuis e montanhas de esmeraldas, de rios de mel e de frutos vermelhos, numa estrela distante, para além, muito além de tainá-racan.

Quando os lábios do Barba Negra tocarem os lábios de Boboiê, a escolhida, um trovão medonho sacudiu a aldeia. A lua, trêmula de medo, escondeu-se atrás de uma montanha de nuvens escuras. As águas do Berocan tornaram-se revoltas. A voz de Cananxiué soou medonha: "Vem, Boboiê, tu és a minha amada. Levar-te-ei para minha casa, na estrela distante, para além de tainá-racan. Vem! E tu, branco atrevido, há de chorar pela noite a dentro, até o fim dos séculos, no seio da mata, nas noites escuras, as saudades daquela que não foi tua!"

Ao caírem no espaço as ameaçadoras palavras daquele deus vingativo, Boboiê transformou-se numa delicada borboleta de asas douradas, azuis e carmim, mais linda que o reflexo do sol poente nas águas do Berocan. Pousou no ombro de Cananxiué e foi-se.

O tori apaixonado, de barbas negras como a noite, caiu na areia. Assim que seu rosto a tocou, ele se transformou no urutau, esse pássaro noturno, cujo canto é um gemido triste, de dor e de saudade.



Desde então, o urutau pia, no negro da noite, no fundo da mata, seu canto triste e inconsolável: "Foi !... Foi !... Foi !...".



LENDAS DO OURO



A GRUTA ENCANTADA

Narra a História do Sr. Barroense, Bento de Silva, o filho do segundo aventureiro que se aventurou ao pé em busca de ouro nas terras guianês. Descobriu esta maravilha que é o rio de Aguas Quentes. Outro descobridor, Martinho Coelho de Sousa, na volta de 1777, descobriu as fontes de Caldas do Piraquê e de Caldas Novas.

O rio quente desce da serra majestosa da Serra de Caldas como uma serpente azul encantada, exalando vapores, desfilando-se em cascatas.

Além das virtudes terapêuticas e relaxativas das águas, de grande valor curativo, a natureza é ali de uma magnificência inapreciável. O vulto negro da serra, como um gigante que guarda no ventre segredos não descobertos, a floresta pujante e verde, a vegetação exuberante que cobre as encostas, tudo concorre para a formação de uma paisagem de sonho.

Como se explica o resgate de alta temperatura dessas águas? Será que o calor se leva num enorme calorão escondido no ventre profundo da terra? Será o fogo interior de um vulcão extinto? A explicação está no regime climático das chapadas é a de que a causa do elevação da temperatura é a existência de um núcleo de urânio que está se desinte-



Narra a História que foi Bartolomeu Bueno da Silva, o filho ou o segundo Anhanguera que, segundo as pegadas do pai em busca de ouro nas terras goianas, descobriu essa maravilha que é o rio de Águas Quentes. Outro desbravador, Martinho Coelho de Siqueira, por volta de 1777, descobriu as fontes de Caldas de Pirapitinga e de Caldas Novas.

O rio quente desce do seio misterioso da Serra de Caldas como uma serpente azul encantada, exalando vapores, desfazendo-se em cascatas.

Além das virtudes termais e radioativas das águas, de grande valor curativo, a natureza é aí de uma exuberância insuperável. O vulto negro da serra, como um gigante que guarda no ventre segredos não desvendados, a floresta pujante e verde, a vegetação viçosa que cobre os descampados, tudo concorre para a formação de uma paisagem de sonho.

Como se explica o milagre da alta temperatura dessas águas? Será que o diabo as ferve num enorme caldeirão escondido no ventre profundo da terra? Seria o fogo interior de um vulcão extinto? A opinião mais ou menos unânime dos cientistas é a de que a causa da elevação da temperatura é a existência de um mineral de urânio que está se desinte-

grando em profundidade e produzindo calor. É a alquimia secreta da natureza! . . .

Ao pé da serra, nos morros, nos leitos dos córregos e rios também andou o homem correndo atrás de seus sonhos de ouro.

A Serra de Caldas, com seu vulto escuro e impressionante, também aguçou a imaginação dos aventureiros. O enorme monstro negro, com as encostas escarpadas, os horríveis despenhadeiros, os grotões escuros, o vasto chapadão, guarda, segundo a lenda, uma fabulosa riqueza.

Na encosta oeste, além das águas quentes, havia uma gruta de estonteante esplendor. Suas paredes eram forradas de diamante, de pedras preciosas de variadas cores-rubis, esmeraldas, safiras — que brilhavam a ponto de cegar os olhos desacostumados. O chão era um tapete de ouro em pó, pepitas, folhetas.

No entanto, o acesso à gruta era difícilimo, quase impossível. Além de estar a sua entrada numa encosta íngreme, a porta era guardada por seres terríveis, invulneráveis às armas humanas.

À entrada, postava-se uma negra gigante. Ela trazia na cabeça uma coroa de ouro e brilhantes. Vestia-se como uma rainha: suas roupas eram de crepes de cores vivas, enfeitadas de finos brocados e de doiradas rendas. Na mão direita, ela trazia uma espada que refletia a luz do sol, iluminando toda a gruta com uma luz deslumbrante. Fazendo companhia à negra, na perigosa tarefa de vigiar o tesouro, havia um bode de barbas e chifres de ouro. Ao pressentir a aproximação de um intruso, o bode berrava e seus berros reboavam na gruta, assombrando as cercanias. O terceiro guarda era um touro negro e feroz. Também de ouro eram seus chifres e seus cascos e os olhos chispavam como os diamantes da coroa da negra. O touro vivia mugindo, enraivecido, a escavoucar o chão, espalhando o pó dourado por todos os lados. Dizem que a

negra era a mãe do ouro e os dois animais, os seus escravos, que lá permaneceriam presos, eternamente, para guardar o tesouro da gruta encantada.

O aventureiro que ousasse aproximar-se da gruta, haveria de desistir. Cegava-o a luz e ensurdeciam-no os urros e bufos do touro, que atroavam, estremeçando a serra.

Conta-se que um garimpeiro valente chegou a se abeirar da boca da gruta. Mas despencou pela encosta íngreme, conseguindo salvar-se por um milagre. Ao cair, gritou o nome de Nossa Senhora do Desterro. Levou dias e dias para recuperar a visão e a audição e para se curar dos lanhos que os seixos e espinheiros fizeram em seu corpo.

Felizmente, sobreviveu para contar a lenda e para erguer uma capelinha em louvor a Nossa Senhora do Desterro, cujos vestígios os séculos sepultaram nas verduras da mata.





O SONHO SUBMERSO

Fundado por volta de 1700, o Arraial do Ferreiro era a mais antiga povoação. Recebeu este nome porque, ao tempo do descobrimento, lá vivia um artesão, mestre na arte da ferraria, de muita fama pelas redondezas. O Ferreiro ficava a uma légua de Vila Rica, a Capital da província. Com a maneira dos primitivos arraiais goiandes, ele nasceu na época da febre do ouro. A paisagem em volta era igual à de toda área de mineração: rios desviados de seus caminhos naturais, tabuleiros e grapiatas, a terra serrada em vales profundos, montes de cascalhos, montanhas espidas, chão tapado de vigiões no va e vem de furos incógnita de extração. Ricaretas e alpacatas trabalhavam noite e dia. Os olhos dos garimpeiros grudavam-se no fundo das pedras, buscando as esticadas lâminas e pepitas. Quejaram muito, muito ouro! Sempre mais!

Um dia, a terra exultante girou um pouco "Não! Não!" — era que a casavam. "Não mais! Chega de violar as minhas entranhas!" O ouro exortava-se e as fêmeas periam. Assim aconteceu no Arraial do Ferreiro. As minas esgotaram-se e a população flutuante fugiu embora. O Arraial acabou em um local deserto. Tempi depois, um feto veio apressar a agonia do povoado. Parecia uma preguiça. As pedras do Rio Uru e



Fundado por volta de 1700, o Arraial do Ferreiro era a mais antiga povoação da província de Goyaz. Recebeu esse nome porque, no tempo do descobrimento, lá vivia um artífice, mestre na arte da ferraria, de muita fama pelas redondezas. O Ferreiro ficava a uma légua de Vila Boa, a Capital da província. Como a maioria dos primitivos arraiais goianos, ele nasceu na época da febre do ouro. A paisagem em volta era igual a de toda área de mineração: rios desviados de seus caminhos naturais, tabuleiros e grupiarias, a terra sangrada em valos profundos, montes de cascalhos, montanhas rasgadas, chão traçado de vieiros no vai-vem da faina insôfrega da extração. Picaretas e almocrafes trabalhavam noite e dia. Os olhos dos garimpeiros grudavam-se no fundo das bateias, buscando as cobiçadas folhetas e pepitas. Queriam ouro, muito ouro! Sempre mais!

Um dia, a terra exausta gritou um rouco "Não ! . . ." — aos que a cavavam. "Não mais! Chega de violar as minhas entranhas!" O ouro exauria-se e os homens partiam. Assim aconteceu no Arraial do Ferreiro. As minas esgotaram-se e a população flutuante foi-se embora. O Arraial entrou em lento declínio. Tempos depois, um fato veio apressar a agonia do povoado. Parecia uma maldição. As pontes do rio Uru e

do rio das Almas foram levadas pelas enchentes. Os comboios tiveram que desviar as ruas rotas: Os viajantes e os aventureiros não mais passavam por lá para contar as novidades. O isolamento e a pobreza levaram o Arraial ao fim. Dentro de alguns anos, restava uma centena de casas em ruína. A igreja de São João Batista, fundada pelo Tenente José Gomes em 1761, foi caindo aos poucos.

No tempo das riquezas, celebrava-se no Arraial, anualmente, uma famosa festa de São João, que atraía gente de longe. Vinham vagabundos, gitanos, mesinheiros, ledores de "buena dicha", mulheres, multidão turbulenta, em busca de diversões e aventuras. A festa também se foi, deixando lembranças na memória dos mais antigos. Os derradeiros habitantes, qual fantasmas sobreviventes de um sonho dourado e fervilhante, espiavam, com os olhos mortiços e os gestos indolentes, as lagartixas correrem e brincarem nas fendas das ruínas. Nada mais esperavam. Talvez só a própria morte.

Na época do declínio da mineração, corria pelo Ferreiro a história da Cabeça de Touro. Ela estaria no fundo da mina que pertencia ao Capitão José Pedro Telles. A Cabeça de Touro, dizia a lenda, era a matriz do ouro, um bloco imenso, de tamanho e peso incalculáveis. Cabeçorra de ouro maciço, seus cabelos eram os veios de metal que se espalhavam pela mina. Ela tinha índole ruim. Talvez por vingança contra os que remexiam nos seus cabelos, violando-os e roubando-os, ela bloqueava a porta da mina. Quem desse com ela, podia desistir. Força nenhuma deste mundo, nem com o auxílio do diabo, conseguia sequer aluf-la. Tampouco prosseguir na extração.

Entretanto, o Capitão Telles era um homem teimoso. Com o declínio das minas do Ferreiro, pobres e ricos haviam partido. Só permaneceram os que não puderam ir. O Capitão, não. Ficou, pois tomara como ponto de honra contrariar a lenda, vencendo a Cabeça de Touro. Rico, orgulhoso e obs-

tinado, tinha na alma o delírio do ouro. Sonhava tornar-se dono de um brilhante império, com palácios de portas de ouro e batentes de prata com paredes incrustadas de gemas preciosas. Queria os vastos campos cobertos de bois, engenhos e fábricas, uma multidão de escravos e vassalos. A fama de sua casa haveria de ultrapassar as fronteiras da província, voar do coração do país até bater às portas da corte.

Homem sizado, de pouco falar, o Capitão Telles era tímido e respeitado. Corajoso, embora duro com seus empregados e escravos, era justo e respeitado. A obstinação era o traço mais forte de seu caráter. Ele jurou que arrancaria a Cabeça de Touro, fosse ela do tamanho que fosse, pesasse as toneladas que pesasse. "Quando eu conseguir remover a Cabeça de Touro, vão saber do fato até em terras d'além mar. O nome do Ferreiro se tornará conhecido. As casas voltarão a ser habitadas, aqui de novo ferverá de gente, porque eu espalharei o brilho do ouro em todas estas redondezas. Assim há de ser! Assim será!" Esses pensamentos agitavam a cabeça do Capitão, quando ele caminhava pelas alamedas do pomar de sua chácara, nas vizinhanças do povoado. Meditando, em silêncio, ele ia fazendo os planos.

Ao julgar que era chegado o momento de agir, o Capitão chamou o feitor, homem de sua inteira confiança, e segredou-lhe: "Os planos para remover a Cabeça de Touro estão prontos". Descreveu-os com todas as minúcias e ordenou ao feitor que preparasse tudo para desfechar o ataque, na madrugada do terceiro dia, após aquela conversa.

Conforme o patrão ordenou, foi cumprido. Ataram no gigantesco bloco de ouro uns argolões de ferro e neles amarraram pesadas e resistentes correntes do mesmo metal, encomendadas, especialmente, para aquele fim. Prepararam algumas dezenas de juntas de boi. O mais foi convocar o pessoal: negros cativos, índios, empregados, mulheres e até crian-



ças. A ordem era clara e dura: todo mundo era obrigado a participar da guerra contra a Cabeça de Touro.

De madrugada, os animais e os homens foram levados para a boca da mina. O Capitão Telles ia à frente, arrogante e altivo, com suas botas lustrosas, seu chapéu de couro, a chibata na mão. Tinha ares de ensandecida grandeza, qual imperador comandando um exército de conquista.

Nos argolões já encastoados no bloco de ouro e respectivas correntes, amarram as juntas de bois. Atadas nestes, vinham as cordas que deviam ser puxadas pela multidão de escravos e trabalhadores.

O Capitão deu a voz de partida: "Eia ! Força!" Ele fez estalar a correia do chicote, que zuniu no ar. Os homens, com o coração mordido pelo medo e pela ambição, muitos deles com a marca do relho no dorso suarento, atenderam, com furor, a ordem do patrão. Os bois gemeram, bufaram, retesaram os músculos, fincando com força os cascos na lama. Gritaram e gemeram os homens, as mulheres e as crianças. Havia uma louca ânsia de que a Cabeça de Touro fosse vencida. Tanto ouro! Desta vez, certamente, um pouco ia sobrar para eles. Até então, o metal brilhava um instante em suas mãos para incendiar-lhes o sonho, indo depois para as arcas dos senhores. Com elas só restavam as marcas do trabalho escravo, o cansaço, a desesperança. Os atritos das grossas correntes e os gritos do Capitão, juntando-se aos bufos e gemidos dos animais, compunham uma estranha sinfonia. O suor inundava os rostos e os corpos dos trabalhadores. O Capitão, estalando o chicote, dava saltos, sujando de lama suas botas lustrosas de couro do reino. Com o rosto rubro e os olhos desvairados, gritava: "Força, seus molengos! Ande, Manuel, ferrão nestes bois!" O sangue escorria no lombo dos animais. O tempo deslizava imperceptível.

De repente, ouviu-se um formidável estrondo. Rugiu um trovão subterrâneo, como a voz de um demônio enraive-

cido. Susto, espanto e medo desabaram em derredor, sobre a natureza e os seres vivos.

Um olhar de triunfo brilhou nos olhos do Capitão. Seu coração acelerado quase lhe rompia o peito. A Cabeça de Touro estava sendo removida!

“Vencerei esse demônio!” — ecoou pelas quebradas a voz do Capitão Telles.

O trovão prosseguiu rugindo, medonho. Os bois e os homens afrouxaram as correntes e as cordas, fazendo menção de fugir. O Capitão vibrou a chibata a gritar ensandecido: “Força! . . . Mais força! . . . É agora!”

Nessa hora, as águas subterrâneas, aprisionadas no seio da terra, liberadas pelo vácuo que se formou com a remoção do rochedo de ouro, precipitaram-se pela superfície, como um invencível monstro líquido. A terra tremeu. Os barrancos do fosso começaram a se desmoronar. O Capitão gritava. Prosseguia gritando: “Força! Eia! Mais força, seus vagabundos!” O monstro veio vindo. O monstro líquido. Pavoroso. Então, ele engoliu tudo.

Para o fundo do abismo foram o Capitão José Pedro Telles e seu império de palácios de ouro e rebanhos incontáveis. Foram os índios e os escravos, com seus medos e sonhos. Foram os mansos bois e sua carne machucada. Deles não ficou sequer a sombra.

Só restou o registro. Na memória do povo, nas asas da lenda, no infinito do tempo.





Muito ouro produziu Goiás. Para essa terra dita "Pátria do Índio Goiá", também conhecida por Coração do Brasil, acorreram os ambiciosos e audazes paulistas, como também uma escória de aventureiros de todos os quadrantes da pátria e d'além mar, em busca dos Araés. E o que tinham de especial esses Araés, novo Eldorado que enlouquecia a imaginação dos desbravadores? Era a terra em que havia montanhas de ouro, lagos encantados, rios correndo sobre leitos forrados de diamante e os martírios de Nosso Senhor Jesus Cristo gravados nas pedras da montanha.

Os Araés, dos sonhos delirantes, não foram encontrados. Mas ouro, sim, bastante ouro. Diz-se que alguns bandeirantes encheram-se de ânimo nos seus ásperos caminhos, quando descobriram faíscas douradas brilhando nos cascos dos cavalos. Quando o Anhanguera chegou às margens do rio Vermelho, alvoroçou-se, ao verificar que índias da nação Goiá, numerosas e belas, usavam colares de pesadas folhetas de ouro. O Alferes José Pereira da Silva encontrou, no papo de algumas perdizes, na região de Amaro Leite, grasnetes de ouro do peso de uma oitava. Em Santa Cruz, corriam regatos sobre leito de areias douradas e, após as chuvas, saíam as negras à

cata de folhetinhas de ouro na enxurrada, com o que faziam suas voltas de contas! . . .

Entretanto, tudo durou tão rápido como um sonho. O ouro de Goiás pouco ou quase nenhum benefício cultural e material deixou para a própria terra e seus filhos. Ao contrário, após esse sonho dourado, que se desfez como uma bolha de sabão, sobrevieram dias tristes e negros. Poucos foram os redutos urbanos onde a vida prosseguiu e o progresso caminhou, embora lenta e penosamente.

“O desenvolvimento desordenado e o breve período da explosão do ouro não permitiram ao Estado a sedimentação da cultura em suas diversas manifestações. Com uma população heterogênea e flutuante, composta em sua maioria de elementos aventureiros, de baixo nível, vindos de vários pontos do país, até do Exterior, faltavam técnicos para a mineração, faltavam homens cultos para ocupar os postos de mando, especialistas para as fábricas, homens capazes para o comando de divisões do exército. Não foram construídos bonitos palácios, nem boas residências, nem templos suntuosos. Os edifícios públicos foram levantados já na fase da decadência. Um século após terem aqui pisado os primeiros descobridores, não havia escolas de espécie alguma, nem pública, nem particulares”. São informações do Padre L. Palacin.

Quando sobreveio a decadência da mineração, o pessimismo, a tristeza, a indolência tomou conta da população de Goiás. Falhos da mais íntima espécie de recursos, os habitantes fugiram para os campos, voltando a uma vida quase primitiva e miserável. Dessa forma, houve uma involução cultural. Os arraiais, as vilas, os povoados tornaram-se habitações de fantasmas. Ruíam as torres das igrejas, as casas se desmoronavam. Animais, capim, mato foram tomando conta das ruas e praças.

Americano do Brasil afirmou: “Hoje são quase um monumento para a posteridade esses rasgões que as bandeiras de

ouro deixaram através de Goiás para mostrar, ao menos, aos expoliados, aos pósteros a riqueza da terra que dourou São Jerônimo em Portugal, enriqueceu Mafra, a Batalha, edificou Lisboa, indo depois para as arcas do Vaticano e da Inglaterra." Alencastre afirmou que Goiás, que se podia dizer uma vasta e inexgotável mina de metais preciosos, tornou-se uma das mais pobres províncias do Império.

Do período meteórico do ouro, restaram pelo menos as lendas. Nem a tristeza, nem a decadência, nem o fracasso mata no homem a capacidade de sonhar. Retalhos desses sonhos e dessas douradas histórias nos ficaram. Desses casos, muitos há, interessantes, de ouro escondido.

Quem escondia o ouro? Os senhores, para escapar à voracidade das cortes de Lisboa. Algum escravo, na esperança de um dia ser livre e gozar das delícias que o ouro proporciona. Ou alguém, na época das vacas magras, com medo de que revezes políticos e sociais pudessem atirá-lo ao vale amargo da pobreza. Muitos morreram levando para o sepulcro os seus segredos. Mas as histórias nunca deixaram de correr e de enriquecer-se na boca de cada contador. Por muitos séculos prosseguiu a caça esperançosa nos velhos casarões, nas ruínas, nos quintais, nos assoalhos e nas paredes, mesmo com o risco de enfrentar pavorosas assombrações. . .

Aqui vão quatro casos de tesouros descobertos.

I



O TESOURO NA PAREDE

Conta-se que uma certa Dona Maria herdara do bisavô um velho casarão na vila. Solteirona, sozinha, o casarão teve o destino de tantos outros. Era triste, povoado de sombras e fantasmas, de lembranças e de saudades. Depois, começou a

arruinar-se, porque nem recurso, nem renda Dona Maria os tinha suficientes para mandar recuperá-lo: as paredes com o reboco caindo, os caibros e as ripas cedendo, portas e janelas despencando, as tábuas do assoalho arrancando-se, o telhado deixando cair goteiras em inúmeros pontos da casa, e muitas das vidraças quebradas.

De família resumida, só havia uma criatura que dedicava um pingo de ternura à Dona Maria. Era seu sobrinho-neto e afilhado Dr. Caius, que estudara Medicina no Rio de Janeiro e por lá ficara. A alegria e o consolo que tinha a boa velha eram as cartas do afilhado, relatando as novidades da fantástica cidade onde vivia; eram os cartões de natal dele e um raro e modesto presentinho que mandava por algum portador felizado que saía dos sertões de Goiás para dar com os costados no Rio.

Um dia, após vinte anos, chegou a notícia por que Dona Maria esperara a vida inteira: Caius viria visitá-la. No alvoroço da aprontação e na emoção da espera, Dona Maria chegou a vender um trancelim de ouro com um divino artisticamente trabalhado, jóia que fora de sua bisavó. Mas Caius, que era a doce luz de sua vida, bem o merecia. Ele teria uma régia recepção. Ela fez quitandas, pudins, licores. Mandou alvejar toalhas de renda, lençóis de linho, colchas de croché. Só não reparara na feiúra das paredes, nas tábuas frouxas do assoalho, nas telhas em falso, naquela decadência toda, que se mantinha de pé devido ao madeirame de madeira de lei. O sobrinho não sabia da vida miserável que a madrinha levava no casarão em ruína.

Caius chegou. Era um moço bonito, já grisalho, elegante, com os ternos talhados na última moda, com ar de nobreza da corte. Os vizinhos vieram saudá-lo e as moças casadoiras lançavam sobre ele olhares langorosos, na esperança de pescar seu coração, porque Caius, como a madrinha, era solteiro. Dizem que partiu da vila apaixonado e tão violenta fora a pai-

xão, que nunca mais gostou de outra, nem das morenas queimadas de praia do Rio de Janeiro. Dona Maria não percebeu o olhar decepcionado do rapaz, quando ele contemplou o casarão.

Algum tempo depois que o moço chegou, ele tratou de providenciar algo que não estava no seu programa. Ainda bem que as finanças o permitiam! Chamou pedreiros, carpinteiros, pintores, ajudantes para promover a reforma do sobrado. Foi a maior novidade, na última década, na sonolenta e centenária cidadezinha. O doutor queria ver as paredes alvas, as portas e janelas azuis, as vidraças consertadas, as calçadas reparadas. Queria limpar o quintal, consertar a biquinha que trazia água pura e gelada lá do morro do Chapéu, num rego feito no tempo dos escravos. Queria debastar o pomar, podar árvores, substituir as mortas, enfim, sacudir a poeira dos séculos, retirar o mofo, dar um sopro de vida naquilo tudo. Tinha que ser depressa, pois ele não podia abandonar por muito tempo sua famosa clínica na Capital do país.

A reforma se pôs em marcha. Desde madrugada, até o anoitecer, os homens não largavam o serviço. O Dr. Caius procurava insuflar nos trabalhadores um ritmo diferente daquela pachorra do interior, que tanto o impacientava. Incentivava os trabalhadores e fiscalizava a obra o tempo todo.

Um dia, o mestre de obras, um velho artífice que conhecia a cidade, suas ruas e becos, seus casarões e suas lendas como a palma de sua mão, chamou o moço que veio do Rio de Janeiro e lhe disse, cheio de afobação: — “Dr. Caius, tem uma novidade aqui!” O moço aproximou-se sem compreender. “Chegue bem perto, tornou o velho, escute!” Bateu com o nó dos dedos na parede. Caius continuava a não entender. “Doutor, o senhor não está escutando esse ruído oco? Não vê que a parede está fofa?” — “Não escuto nada de especial e não sei o que significa a parede estar oca”, replicou o moço impaciente. — “É ouro, seu moço. Tem um guardado aqui



dentro!", falou o outro quase trêmulo de emoção. Caius deu uma gargalhada. Desde criança, ele ouvira as mesmas histórias: ouro escondido, ouro enterrado, fulano sonhou com um pote de ouro, um escravo apareceu para beltrano, indicando o lugar do tesouro etc. Ele já vira paredes derrubadas, pisos revolvidos, mas tudo não passava de lenda. Ver mesmo, ele nunca vira uma faísca de ouro desenterrado. "Ora, imagine, o senhor ainda acredita nessas bobagens? Por isso é que essa cidade parou no tempo. Está tudo mofado. Estão esperando a exumação de tesouros! Tenha paciência. O meu ouro vem daqui, olhe!" O Doutor apontou a própria cabeça e as mãos. Ele era um cirurgião estudioso e competente, com vários cursos no Exterior. O mestre não se deixou abalar pela incredulidade e ironia do doutor. Alvorçado, chamou Dona Maria. "Dona Maria, a senhora deve ter escutado, quando menina, que neste sobrado tinha ouro escondido. Não escudou?" "Sim, desde o tempo de minha bisavó, dizem isso." "Vamos verificar, Dona Maria, já que estamos com a mão na massa?" A bondosa velha olhou para o rosto do afilhado, interrogando-o com um olhar quase súplice. "Eu não posso demorar, madrinha", o moço respondeu. "Se formos mexer nesta parede, o serviço vai atrasar-se ainda mais." Que atrasa que nada, seu moço" — disse o mestre de obras, um tanto agastado com a teimosia do doutor. "Eu sou o responsável. Eu garanto o prazo. Se a gente nada encontrar, pelo menos tentamos. Besteira eu acho é não aproveitar a oportunidade. "Se houvesse ouro" — retrucou o moço, "vocês não acham que já o teriam arrancado daí há séculos? Em todo caso, se a madrinha quer. . ."

O mestre pôs-se a desmanchar a parede na altura onde julgava estar o guardado. Ia vagarosamente, com muito cuidado. Sabe-se lá em que tipo de recipiente está colocado esse ouro? Depois de tanto trabalho, não é nada interessante vê-lo cair e misturar-se aos entulhos. Ele suava e suas mãos

tremiam. Todos estavam com a respiração suspensa. Até o Dr. Caius não escondia o seu nervosismo. Rendera-se à expectativa. A madrinha agarrou-se à escada do pedreiro. Então, o buraco da parede escancarou a boca. O mestre, cautelosamente, enfiou a mão no oco escuro. Apalpou um objeto frio como a morte, coberto pela poeira dos séculos. Retirou a mão, como se tivesse medo que um ser estranho a mordesse. Enfiou de novo a mão, apalpando ao léu. O objeto mais próximo tinha o pescoço comprido. Agarrou-o com força e tirou-o devagar. Era bem pesado pelo tamanho. Apesar da poeira, puderam observar que aquela coisa era lindamente dourada. O mestre de obras passou-o para o doutor, que a mirou com os olhos estupefatos. Retirou outra e mais outra. Eram cinco as garrafas cheinhas de ouro em pó. O doutor apalpou-as todas, incrédulo, para verificar se eram de verdade.

Por fim ele deu um grito de alegria. — “Agora, Madrinha, a senhora vai comigo conhecer o Rio de Janeiro. Imediatamente!” Eufórico, ele abraçou com força a boa e atônita velhinha.

II

A FORTUNA PERDIDA



Seu Júlio era um homem sistemático e caladão. Todos os dias, depois do jantar, à boquinha da noite, punha-se na rede para contemplar a beleza da tarde. Sua casa, situada na parte alta da cidade, permitia-lhe ver os telhados centenários, as ruazinhas estreitas, os becos que se alinhavam assimetricamente, desembocando na praça principal. Lá estava a velha matriz, de mais de dois séculos de existência, resistindo heroicamente de pé, com o relógio da torre marcando as horas

monótonas da vida sempre igual da antiga cidadezinha. Quando se encontrava na rede filosofando, recordando os companheiros já idos, seus dias de árdua peleja para criar a numerosa família, não gostava que o perturbassem. Ali permanecia, até que as primeiras estrelas pintassem no céu e o sino chamasse para a reza. Geralmente, recolhia-se cedo. Nas noites quentes, quando havia lua, demorava-se um pouco mais.

Certa noite, estava seu Júlio na rede. Uma brisa ligeira fazia estremecer os ramos. Lá fora, só se ouviam o coaxar dos sapos no brejo e o ladrido triste e sem fim dos cachorros nos becos escuros. Seu Júlio teve um momento de abstração, desses em que o pensamento caminha lento em meio a uma multidão de lembranças. De repente, pareceu-lhe sentir a presença de alguém. Levantou os olhos. Junto dele estava um negro forte, reluzente de preto, dentes alvos brilhando na noite, porte ereto como um deus africano. Seu Júlio não era um homem covarde. Um pouco descrente, ele não zombava de quem acreditava. Sabe-se lá o que existe além da cortina da compreensão humana! Somos pequenos, frágeis e insignificantes demais para duvidar de tanto mistério que nos rodeia. Ele conhecia todos os seus conterrâneos. Nascera e se criara na cidade, que era também a terra de seus pais. Conhecia pobres e ricos, importantes e não importantes, porque a população não era tão grande assim. Qualquer forasteiro, era logo notado. E quem chegasse, não ia procurá-lo, pois ele não era nem importante, nem rico. Portanto, não conhecia o cidadão que estava ali de pé, muito próximo da rede. Ele olhou para o negro como a interrogá-lo. O negro, então, falou: — “Cava aqui, disse apontando para o próprio cômodo da rede, e vosmecê vai encontrar um rico guardado!” Seu Júlio, homem rude e calejado pelo trabalho, só não acreditava numa coisa: a riqueza brotando fácil como a praga no seu

quintal. Respondeu ríspido: "Vai-te embora, negro!" O vulto lentamente desapareceu nas sombras.

Ele contou o acontecido aos filhos, mas não permitiu que nenhum deles cavasse o chão do quarto da rede. Andava cansado daquelas histórias. O pão, o teto, a educação dos filhos, tudo viera-lhe com o suor do rosto, na caminhada amarga de um pai de família pobre e honesto, carregado de filhos. Chegava a se irritar, quando alguém insistia no assunto. Na casa, ele era o senhor absoluto. Ninguém ousava desobedecer a ele. Pediu sigilo à família sobre o acontecido. Mas as paredes têm ouvidos. Quem tem o poder de manter em segredo histórias como essa?



Alguns meses depois, seu Júlio resolveu passar uns tempos numa cidade do norte, onde certo negócio, se tivesse êxito, podia melhorar a situação da família. Alugou a casa e partiu com a mulher, os filhos e empregados.

Um ano depois, voltou. Ao receber a casa, que foi entregue por um prepósito, soube que o inquilino se mudara da cidade. Como os negócios do norte não foram tão bons como esperava, Seu Júlio, desanimado e indiferente, permitiu que um dos filhos, o Luiz, cavasse o quarto em busca do tesouro revelado pela aparição do negro. Para espanto do moço, o chão estava fofo, sinal evidente de que havia sido mexido recentemente. Ele resolveu insistir. Cavou, cavou e de outro nem rastro, só encontrou o carvão, no meio do qual o ouro tinha sido escondido.

Passado algum tempo, eles souberam mais detalhes da saída do inquilino. Ninguém podia explicar por que artes ele ficara podre de rico, repentinamente. Comprara uma grande fazenda cheia de gado de raça e o mais chique sobrado na cidade vizinha. Sem dúvida, as artes foram o tesouro que a incredulidade de Seu Júlio deixou, desafortunadamente, escapar para sempre!

NA BOCA DO FORNO

Dona Sebastiana era quitandeira de mão cheia. Crescera, casara, enviudara, criara os filhos, tirando a sua subsistência da boca do forno. Estava dando conta, louvado seja Deus. Ainda bem que os filhos eram bons e davam muito gosto a ela. Não havia festa religiosa, particular ou oficial, em que as quitandas da D. Tiana não circulassem. Sempre elogiadas, sempre mais saborosas, nem o passar dos anos baixava-lhe o padrão ou desmerecia-lhe a fama. Era bom ver o gosto com que a gorda senhora preparava as gameladas de massa e, depois, com o rosto afogueado, dedicava-se à tarefa de esquentar o forno. Enchia-o de finas achas de lenha, em seguida, deixava-o avermelhar e, com uma vassoura de ramos verdes, varria as brasas e cinzas, até deixá-lo completamente limpo. Em seguida, vinham as latas com os biscoitos enrolados ou enformados: biscoito de queijo, broa, bolo, brevidade, biscoito de fubá, bolo de arroz, rosca da rainha, bolachas, enfim, um variado "repertório" dessa arte admirável de fazer boas quitandas. Os biscoitos costumavam crescer até se emendarem na lata. Ela, de boa vontade, passava as receitas, mas o segredo mesmo era o talento de quem fazia. E biscoitos tão gostosos eram das artes de D. Sebastiana.

Um dia, estava ela preparando quitandas e empadas para uma grande festa. Dessa vez ia ser na casa do Coronel Chiquinho, sinal de que a dose ia ser muitas vezes dobrada. Gente rica e farturenta estava ali. Dona Tiana madrugara para dar conta do recado. Não era mulher de deixar de sustentar o trato, nem de entregar biscoito dormido. Pôs-se a assar, vai assando, vai assando até cansar. Já se sente um pouco estropeada. O forno está esfriando. É preciso nova remessa de

gravetos e sabugos, outra vez a vassoura de ramos verdes para empurrar as brasas e cinzas. Novas latas entram no forno, novas latas saem do forno. Ao conduzir uma lata de biscoitos de queijo para serem assados, D. Tiana tropeçou e lá vai lata para o chão. “Minha Nossa Senhora da Abadia!”, exclama ela desolada. Nunca lhe acontecera isso. Será que estava ficando velha demais e já começar a catar mamona? Ela nunca reparou que ali, na boca do forno, houvesse algum empecilho, uma ponta de pedra, um pedaço de tijolo saliente, que a fizesse tropeçar. O chão estava batido por tantos anos, pelos rastros de tantas vidas! Ela abaixou-se para apanhar os biscoitos sujos de terra e cinza para dá-los ao Leão, seu velho e querido cachorro, companheiro de tantos anos. Quando terminou de catar, ela examinou o chão para verificar o que a fizera tropeçar. Estranho! Era a boca de uma garrafa começando a aparecer no chão, há séculos pisado. Chamou o João, seu filho mais velho. “Venha cá, meu filho, olhe que coisa esquisita. Eu nunca tinha reparado. Venha ver!” O filho verificou que era realmente a boca de uma garrafa enterrada. “Vamos desenterrar isso, uai! Pode ter coisa aí. Quem sabe se é feitiço, hein, mãe?” O trabalho de assar os biscoitos foi interrompido. João toma o enxadão, cava daqui, cava dali, com o maior cuidado. O pescoço da garrafa foi aparecendo. Só depois de um certo tempo é que notaram que ele era dourado. Brilhava como um sol! A essa altura, já estavam todos os filhos reunidos. D. Tiana fechou a porta da rua, não queria curiosos. Empilhada, havia outra garrafa de ouro e mais uma, a terceira, a quarta, a quinta!



Dona Tiana deu uma boa risada. “Depois que eu assei a minha cara a vida inteira na boca do forno, acontece essa! Louvado seja Deus! Vai ser bom para meus filhos, eles merecem. Vem Leão, vem festejar. Coma mais essa lata de biscoito de queijo!”

O AMIGO INFIEL

Zica tivera um sonho. Um sonho cheio de minúcias. O melhor de tudo era que se lembrava de todos os detalhes, quando despertou. Ficou tão impressionada que não conseguiu dormir mais. Que pedaço de noite comprido! Os galos pareciam mudos naquela noite. As horas escorregavam lentas de dar aflição.

Zica era viúva, sem filhos. Tinha um amigo de muita confiança, o Juca Silveira, seu vizinho. Ela não contava com nenhum parente próximo, pois os irmãos estavam esparramados pelo mundo e o pai e a mãe, infelizmente, faleceram cedo. Em suas conhecidas ela não confiava muito. Mulher é sempre invejosa, traidora e fingida. Da vizinhança, então, Deus que a livrasse!, nenhuma servia para sua confidente. Seu Juca, sim, é que era uma pessoa calada, discreta, séria. É verdade que um amigo homem é diferente. A gente não pode abrir o coração com liberdade e franqueza. Pensando bem, para que abrir, se os males da vida é a gente mesmo que os tem de resolver? Todo mundo nasce sozinho, vive sozinho e morre sozinho. De qualquer forma, com liberdade ou sem liberdade, era Seu Juca que a socorria nas horas de precisão. Fosse em caso de doença, algum negócio enrolado, algum dinheiro emprestado, ele estava sempre pronto a ajudar. Ela contava também com a preta Avelina, negra dedicada, criada na família, presente de casamento de sua avó.

Estava escurinho ainda, quando Zica se levantou. Chamou a Avelina, que, sem muita demora, coou o café, assou o bolo de arroz e serviu, sobre a alva toalha de linho, o seu desjejum. Logo que viu movimento na casa do Juca, correu a bater à sua porta. Ele também era madrugador, graças a Deus!

Ela o tratava com cerimônia, embora ele fosse solteirão e seu amigo íntimo. Logo que a porta foi aberta, a viúva foi falando afobada: "Bom dia, Seu Juca. Vim aqui lhe contar um sonho que muito me impressionou. Depois que o tive, não consegui dormir mais. Praticamente, da meia-noite em diante, eu não preguei o olho." Nem esperou que o outro respondesse o bom-dia. Passou a narrar o sonho e, por fim, arrematou: "É um aviso, o senhor não acha? O senhor me acompanha até lá?" Ele prometeu que iria e recomendou à amiga que guardasse segredo absoluto sobre o assunto. Certas coisas a gente não pode confiar a ninguém e desconfiar até da própria sombra. Era melhor eles irem de tardezinha e, se ela reconhecesse o lugar como o do sonho, deveriam cavar de madrugada, a fim de que nenhum curioso desconfiasse de nada. Encontrar ouro em abundância é perigoso. Pode atrair malfeteiros e a inveja dos outros.

Zica passou o dia fazendo as coisas, distraidamente. Não pegara no croché, não tivera paciência para ler. Ela gostava muito de histórias românticas. Entrava e saía de casa, andava pelos quartos. Nem prosa ela conseguia entabular com as vizinhas, que, aliás, eram umas bisbilhoteiras. Ela viu a Fífia na janela e a Tuca lá da rua, as duas conversando e apontando para ela. Nem discretas sabiam ser.

Enfim, a tarde chegou. Zica aprontou-se muito bem, afinal, ia sair com Seu Juca. Quem não se enfeita, por si se enjeita. O Juca era sossegado de dar aflição. Pensando bem, o Juca era um "pasmado", pensava ela. Solteirão, dono de uma loja de secos e molhados, se quisesse, bem podia casar-se com ela. Mesmo se não casasse, ao menos namorar. Era triste viver sozinha, sem carinho! Ela se acreditava um bom partido: viúva, sem filhos, com algum recurso, bonita ainda. Depois da viuvez, nunca olhara para outro homem. Falta de encontrar quem a quisesse não era. No fundo do coração, guardava a esperança de que, um dia, Seu Juca se declarasse.

Atenções com ela, ele até que tinha. Apostava que os vizinhos linguarudos inventavam muita coisa dos dois, mas tudo não passava dessas formalidades bobas, dessa cerimônia inútil.

Depois de enervante espera, o Juca apareceu com sua calça riscada, domingueira, paletó de brim cáqui, que mal disfarçava a barriga saliente, chapéu de lebre e o guarda-chuva dependurado no braço esquerdo. Desceram a rua cumprimentando todo o pessoal que aparecia às portas e janelas. Certamente ficariam murmurando as suas costas: "Onde irão aqueles dois?", doidos de curiosidade. São até capazes de segui-los para desvendar o mistério.

Pelo caminho, ela foi recontando o sonho para que nenhuma minúcia fosse esquecida: "Apareceu uma figura transparente, luminosa, parecia um anjo ou um espírito. Ele apareceu no meu quarto, e disse: "Deixe esse bordado e me acompanhe." Eu repliquei sem medo: "É de noite, como posso acompanhar um estranho para um lugar desconhecido?" "Venha sem medo, que eu te protegerei e iluminarei o caminho." Irradiava dessa criatura uma luz, que ia clareando tudo. Eu não conseguia ver bem seu rosto. Mas parecia uma figura boa, que me atraía. Fui com toda confiança. Chegando lá, no lugar, o espírito me disse: "Repare bem: ali é o Morro do Chapéu; à direita, está o rio das Almas. Mais adiante, está o rancho da Maria Papuda; aqui está o cupim, perto desse pau-terra torto. Você tem de cavar perto do cupim. Vou te revelar o que está escondido lá embaixo. Um pote de ouro desse tamanho." Fez uma circunferência com os braços brilhantes. "É um grande tesouro. Ele está destinado a você, por causa de um antepassado seu que foi muito bom e justo. Venha buscá-lo o mais depressa possível, antes que seja tarde. Mande celebrar missa pelas almas, em sinal de gratidão, não se esqueça. Venha urgente, o tesouro é seu!" Antes que eu pudesse agradecer, a figura desapareceu.

— Af, Seu Juca, eu acordei. Acordei suando, na certeza de que tudo era verdade. Não consegui dormir mais. Nem vou sossegar, até a hora em que eu encontrar esse lugar.

Os dois subiram a ladeira, passaram pela Igrejinha de Nossa Senhora da Guia, entraram numa trilha que dá para o cerrado ao pé do Morro do Chapéu. De repente, Zica gritou: “Olhe lá o rancho da Maria Papuda. Depressa, vamos! Olhe ali o pau-terra torto e debaixo dele o cumpim. É aqui mesmo, igualzinho ao sonho! Tenho certeza absoluta que aqui há um guardado. E grande. É um enorme pote de ouro!” O homem examinou o local sem pressa. Chegou até a depender o guarda-chuva num dos galhos do pau-terra. Olhou em torno, observando tudo com minúcia. Seu rosto inexpressivo não revelava surpresa, nem entusiasmo, nem alegria. O pouco que falou foi para recomendar à Zica, mais uma vez, que não dissesse nada, absolutamente, a ninguém. Nem à Avelina, nem a um irmão, se por acaso aparecesse de repente.

O dia ia morrendo devagar. O horizonte coloriu-se de vermelho e dourado. Fantásticas figuras com nuvens bojudas formavam-se no céu. Os vagalumes, pequenas estrelas errantes, brilhavam no Morro do Chapéu. Os sapos faziam a sua sinfonia no brejo. Dica e Juca voltaram quase em silêncio para casa. Ele, uma múmia impenetrável. Ela febril e inquieta. Ao se despedir, o Juca arrematou a breve conversa: “Então, amanhã de madrugada, não é, Dona Zica, quando o galo cantar pela primeira vez, já devemos estar de pé. Nunca é demais recomendar: por favor, não diga nada a ninguém, para seu próprio bem!”

Zica achou curioso tanta recomendação. Foi mais cedo para a cama, na esperança de que dormisse logo e a madrugada chegasse depressa. Que maravilha se encontrasse o gordo boião de ouro do sonho! Tiraria o pé do atoleiro. Daria uma arrumada na casa ou, talvez, até comprasse uma melhor. Quem sabe se o sobrado da Maria Bernarda? Ele era impo-



nente, ali na praça da matriz, um dos poucos da cidade. Mandaria reformá-lo, compraria umas mobílias bem chiques. Depois. . . Depois iria a São Paulo, é claro, visitar os irmãos. Em seguida, conheceria o Rio de Janeiro de seus sonhos. O que ela conhecia do mundo? Nada. Seu horizonte era ali mesmo, muito acanhado, muito pobre. Quem sabe se não encontraria um amor bem mais interessante do que Seu Juca? Afinal, ele era um homem barrigudo, sem graça, sem prosa. Imagine, ela rica, bonita, granfina, dando bola para um homem como aquele! O sonho daquela noite foi, realmente, dourado.

Ao primeiro canto do galo, Zica pulou da cama. Ela mesma preparou o café. Não quis chamar a Avelina para não despertar a sua curiosidade. Aprontou, vestiu um casaco leve, pois a madrugada estava fresca. Pôs-se à porta, aguardando o vizinho. Esperou um pouco, uma meia hora mais ou menos. Nada de Seu Juca aparecer. Eles tinham que ir logo. Tudo devia ser feito ainda no escuro. Que homem descansado, esse Seu Juca. Na casa dele, tudo quieto. Era impossível esperar mais. Zica esfregava as mãos nervosamente, mordida os lábios, suspirava. Ela não se conteve mais e bateu na janela do quarto dele. Nenhuma resposta. Então, resolveu entrar pelo portão lateral e bater à porta da casa dos fundos. Lá morava a velha Totonha que cuidava da casa e das roupas de Seu Juca. Totonha abriu a janela e mostrou a carantonha espantada, ajeitando meio envergonhada a carapinha salpicada de branco, tentando escondê-la com o lenço de chita desbotado. "Aconteceu alguma coisa, D. Zica?" perguntou ela com os olhos arregalados. "Não aconteceu nada não, respondeu a viúva: Cadê Seu Juca?" "Cadê Seu Juca? repetiu a velha preta com espanto redobrado. "A senhora não sabe? Ele arrumou um negócio essa noite: Pra mim é tatu que gosta de cavoucar de noite. Saiu sozinho e me preveniu que, se o negócio fosse bom, de lá mesmo ele ia fazer uma

viagem demorada. Falou para não preocupar. "Ele não se despediu da senhora, não? "Ele deixou dinheiro com o Neco para cuidar dos negócios dele. Até agora, ele não voltou, não senhora. De certo, o negócio foi bom."

Zica saiu sem nada dizer. Desceu a rua quase correndo, aos tropeções. Subiu ladeira, desceu ladeira. Sem fôlego, ganhou a encosta do morro. Avistou o pau terra. Avistou o cupim. Do rancho da Maria Papuda, subia uma fumaça parecendo uma cobrinha azulada, dando coleios no espaço, no dia mal nato. Ao se aproximar do cupim, as primeiras luzes do dia permitiu à viúva ver o buraco cavado, a terra roxa revolvida e o enxadão jogado de lado.

Seu pote de ouro e seus sonhos dourados andavam longe, nas mãos pachorrentas e infiéis do Juca Silveira.





Na Renascença, surgiu uma teoria geológica, segundo a qual se encontravam em depósito, no subsolo de extensas faixas paralelas ao equador, ricos veios de ouro e prata, que iam-se avolumando de leste para oeste. Nasceu, então, na imaginação criadora dos aventureiros, a lenda do Eldorado, que seria a continuação do veio aurífero descoberto pelos espanhóis em terras da América. Esse país fantástico e longínquo estaria escondido no meio de uma densa floresta, além dos contrafortes dos Andes, habitado por índios hostis e feras perigosas. Nele, havia montanhas de ouro e prata, rios correndo sobre leitos de diamante, chão forrado de rubis e esmeraldas.

O sertão goiano, no coração do Brasil, situava-se inteiramente na área atingida pelos sonhos de ouro e gemas preciosas. Aqui, eles buscavam eram as terras dos Araés.

Desde menino, Bartolomeu Bueno da Silva, o pai, ouvia, fascinado, a descrição do país fabuloso. Caíam-lhe fundo na alma os relatos dos bandeirantes, com sua coragem de ferro, a força sobrehumana para enfrentar perigos e revezes na perseguição de seus sonhos. Aliás, ele pertencia à família de Amador Bueno de Rivera, estirpe de paulistas destemidos,

exploradores dos sertões, buscadores de ouro e preadores implacáveis dos silvícolas.

A esperança de descobrir a terra das maravilhas embalou os passos de Bartolomeu, dominando-lhe a mente e o coração, fazendo dele um homem de ferro, capaz de enfrentar, como outros membros de sua raça, todas as vicissitudes e sofrimentos, na busca dos Araés, o país das montanhas de ouro. Outras bandeiras pisaram antes o chão goiano, chegam às margens do Tocantins e Araguaia. Mas, são escassos os documentos, e nebulosas as narrativas. A glória da descoberta de Goiás coube a Bartolomeu Bueno da Silva.

Por volta de 1682, veio Bartolomeu à frente de numerosa bandeira para o planalto central em busca de ouro e outras riquezas. Narra a tradição que ele trouxe consigo o filho de doze anos, que um dia voltaria chefiando sua própria bandeira, numa caminhada heróica de três anos errantes, seguindo o incerto roteiro traçado pelo pai.

Bartolomeu Bueno da Silva recriou, com seus companheiros, a epopéia bandeirante. Enfrentou feras, mosquitos transmissores de febres fatais, índios hostis, desânimo e revolta, traição e medo, fome e, muitas vezes, a própria morte. Veio errando pelos campos e gerais, pelas matas densas, na busca persistente de seus sonhos. Enquanto procurava os Araés, ia faiscando nos córregos e rios encontrados pelo caminho. De vez em quando, parava para plantar roças, descansar, nutrir tropas e animais e renovar as forças. Depois, seguia adiante, deixando nos rastros os sinais da louca aventura: os restos das choças, os utensílios toscos que não podiam carregar e a ossada dos companheiros que morriam, ora de inanição, ora de maleita, ora na luta com os índios. Sempre faiscando, ele não se contentava com a descoberta de jazidas insignificantes. Não pretendia parar, sem desistir, nem retornar a São Paulo. Obstinado, ele acreditava nos Araés e haveria de atingi-los.

Depois de dias, meses e anos, ele atingiu a região do Rio Vermelho. Logo, ao chegar, bateu os olhos numa serra de brilho incomum, com jeito de monstro encantado, dormindo vigilante. Caminhou magnetizado, com os olhos grudados nela. Quando o sol batia em suas encostas, uma luz dourada desprendia-se dela, fascinando os que a contemplavam. “É a Serra Dourada!” — exclamou ele cheio de animação. “Vamos acampar aqui!” E acamparam às margens do rio Vermelho.

Quase de imediato, encontraram-se com os índios da região e entraram em intercâmbio com eles. Para alegria de todos, eram mansos e gentis. Nos primeiros contatos, os índios mostraram-se receosos dos brancos. Contudo, sendo de natureza branda, não atacaram. Assustaram-se com aqueles estranhos, de botas e chapéus de ouro invadindo seus domínios sem pedir licença. Mas não reagiram: era a nação dos Goiás.

Na convivência com os índios, Bartolomeu verificou que as mulheres usavam colares e pulseiras de magníficas e pesadas folhetas de ouro. “Não é a região dos Araés, não encontrei rios correndo sobre leitos de diamante — matutou consigo o astuto bandeirante, “mas que aqui tem muito ouro e de superior quilate, isso tem!” Além do ouro abundante, havia aquela serra de misterioso brilho, toda a região era grandiosa, digna da fibra e da audácia daquele desbravador.

Urgia descobrir as minas.

Bartolomeu agradou o cacique com presentes e demonstrações de simpatia para conquistar a confiança dele. Sem pressa, com jeito e disfarçada cobiça, indagou sobre o local das minas. O velho e esperto índio olhou-o bem nos olhos, fitou o horizonte distante; após alguns momentos de silêncio, pôs-se a contar a história de uma pescaria, fingindo não ter ouvido a pergunta. O capique sabia muito bem o valor daquele metal reluzente. Calculava que se o branco astuto



o descobrisse, iria arrancá-lo até a última folheta e levá-lo para longe, lá para as terras distantes de onde viera. Como ficariam as mulheres sem os belos colares? Um dia quem sabe o metal teria outras serventias para a tribo. O que ganhariam entregando-o para o branco?

Bartolomeu Bueno fez diversas tentativas para descobrir o segredo das minas, inclusive ordenou a homens de sua confiança que fôsem procurá-las. Mas a resposta era sempre a mesma: o silêncio. Nada.

Um dia, ele presenteou a filha do cacique, a que possuía os mais belos colares, tentando conquistá-la para que ela revelasse o caminho das minas. A jovem sorriu e mostrou o horizonte: "É longe, muito longe. Só os homens sabem. São eles que trazem o ouro para os nossos colares. Nenhuma mulher sabe onde é." Graciosamente, ajeitou os cabelos, acariciou os colares e fugiu, correndo com elegância e beleza por sobre as areias douradas do rio Vermelho.

Pela noite a dentro, sob as estrelas, Bartolomeu pensava, pensava. Lembrava-se do pai, a falar com ardor e viva fé no Eldorado, na sossegada Vila de Parnahyba, na Província de São Paulo, onde nascera. Foi o pai que moldou o seu caráter, que lhe incutiu a fibra, que incendiou a sua imaginação com o país de montanhas de ouro, esmeraldas e rubis. Por seu sonho, deixara a mulher, os demais filhos, o conforto e o sossego da civilização para sofrer tantas privações, e defrontar-se com a morte, as traições, a solidão, o cansaço de cada dia. Tinha que descobrir as minas. Atiçou a lenha na fogueira. Do seio da mata, vinha o urro de alguma fera errante. De súbito, uma idéia brotou-lhe na mente. Não, não usaria a força, porque o índio Goiá era bondoso e pacífico. Impossível usar de violência contra ele. Uma covardia sem nome. Haveria de vencê-lo pela esperteza. A idéia piscou na sua cabeça como aquela estrelinha intensamente brilhante que via no cimo da Serra Dourada. No dia seguinte, iria executar seu plano. Sem

falta. Os dias, os meses, os anos estavam passando. Urgia que descobrisse as minas. Ouro, muito ouro, toneladas de ouro. Uma montanha de ouro do tamanho de seus sonhos e de sua audácia.

No dia seguinte, ele esperou com paciência a hora em que os índios costumavam reunir-se. Era sempre ao cair da tarde. Bartolomeu apanhou um prato. Encheu-o de aguardente. Caminhou solene como um deus barbudo levando um estranho aparato. Aproximou-se dos índios. Deteve-se em frente ao cacique. Olhou os rostos que o espiavam surpresos e curiosos. Com gestos calmos, ele aproximou uma mecha acesa do prato. Chamas azuladas ergueram-se da superfície branca do recipiente. Em poucos instantes aquela água transparente, desconhecida dos índios, foi consumida pelas labaredas.

Bartolomeu bradou aos atônitos filhos da nação Goiá:

— Estão vendo? Eu incendiei a água do prato. Assim também eu queimarei as águas dos rios, das fontes e dos lagos. Os pássaros morrerão de sede. Os bichos morrerão de sede. A gente da nação Goiá morrerá de sede. Estão entendendo? Acabarei com a vida, se não me contarem de onde é que tiram o ouro. Onde estão as minas? Onde estão as minas, cacique?

O chefe índio, com os olhos dilatados pelo terror, pôs-se a gritar:

— Anhanguera! Anhanguera! Anhanguera!

— Anhanguera! . . . repetiu em coro toda a assembléia.

E as encostas dos morros repetiram: “Anhanguera! . . . Anhanguera! . . .”

Assim, o bandeirante recebeu o apelido de “feiticeiro” ou “diabo velho”, pois tinha o poder inacreditável de tocar fogo nas águas.

O segredo das minas foi revelado.

O ouro saiu das entranhas da terra da nação Goiá para



as arcas dos desbravadores e, destas, grande parte foi levada para as plagas d'além mar. As belas índias não mais tiveram o precioso metal para os colares e pulseiras. Nada ficou para enriquecer e embelezar as cidades goianas.

Após essa, nova traição sofreram os filhos da bondosa e nobre nação Goiá.

O Anhanguera, sob a aparência de amizade, aliciou os selvagens e os conduziu acorrentados para São Paulo. Muitos foram vendidos como escravos, outros permaneceram no seu serviço. E tantos deles levou, diz a crônica da época, que seriam bastantes para habitar uma vila de tamanho médio.

Assim, a ativa e cordial nação Goiá perdeu seu ouro, seus domínios e sua liberdade!



CASOS DE ASSOMBRAÇÃO E OUTROS

*À memória de
Cora Coralina.*



Sempre me impressionou muito a história da Casa da Torre. Cresci ouvindo-a. À medida que fui amadurecendo, pedia mais pormenores para compreendê-la melhor. Em cada versão, ela vinha enriquecida por minúcias fantásticas ou trágicas que me fascinavam. Eu jurei para mim mesmo que um dia, quando fosse dono de meu nariz, iria visitar as ruínas da famosa casa. Eu não me contentaria com uma visita superficial; pretendia observar cada tijolo, cada resto de muro, cada pedra, cada pedaço de madeira. Medo de fantasma era coisa que eu não tinha. Eu queria era reconstituir, ao menos na imaginação, o quadro vivo daquele pungente drama que a memória do povo guardou e, enfeitado, transmitiu para os séculos.

Um dia, decidido, convidei um amigo, Caius, para emprendermos a viagem. "Vamos conhecer a Casa da Torre?" Ele me olhou com olhos arregalados, embora fosse também dado a aventuras: "Está falando sério?" "Você não me ouviu dizer a vida inteira que um dia iria conhecer a Casa da Torre?" "Pensei que fosse mais um de seus planos excêntricos!" "Topa ou está com medo dos fantasmas?" continuei. "Eu confesso que me arrepio, mal pronuncio um desafio? Eu prometi ir com você, pois, então, vamos."

Meu pai também achou maluco meu plano, contudo, deu todas as instruções, inclusive traçou um mapa da região, com os pousos certos, o nome dos fazendeiros em cujas terras iríamos pernoitar. A cavalo, era uma jornada de três dias. Minha mãe preparou a matula e, numa madrugada, partimos.

A viagem decorreu tranqüila, a gente percorrendo religiosamente a rota traçada por meu pai. Ao chegarmos ao último pouso mencionado no mapa, uma fazenda não muito distante das ruínas, o proprietário olhou-me incrédulo, quando lhe revelei o motivo de minha viagem. "Mas o moço veio dessa distância para conhecer a casa maldita?" "Vim, sim, senhor. Por quê?" "Ver umas ruínas encobertas pelo mato e ainda arriscar a topar com alma penada?" "Pois tudo isso me interessa, e muito. Por falar na Casa da Torre, o senhor não podia me contar tudo o que sabe sobre ela?" "Se o moço veio de tão longe para conhecê-la, deve saber de suas histórias de cor e salteado, não é mesmo?" "Eu ouvi dizer que o senhor é que conhece a história verdadeira, tal qual aconteceu. Dizem até que tem um parente muito antigo que chegou a ver de longe o português rico, passando com seu cortejo. É verdade?" "É, esse era um caso que corria na família, de geração para geração. Lembrome de meu avô dizer isso. Desarreiem os animais. Venham jantar. Depois a gente senta aqui fora, que é mais fresco, e eu vou contar. É uma história muito comprida."

oOo

Assentamo-nos à porta da velha casa. As sombras da noite foram descendo devagar. Os vagalumes riscavam a escu-

UFG
B.C.

ridão como pequeninas estrelas vivas. Dentro de pouco tempo, uma lua vermelha e grande levantou-se além da mata. Em redor, havia um silêncio completo, só arranhando pelo farfalhar do vento nas folhas e pela voz monótona de Seu Tomás, contando a história.

A fazenda era um conjunto de construções: a casa, um sobrado com porão, uma torre circular, a capela, a senzala, o engenho, a casa dos mantimentos e mais a casa do administrador, o pomar e uma horta. Cercava-a um muro alto de pedra, como um castelo. Do lado de fora, os currais e um paiol. Ela foi construída por um português que enriqueceu com a mineração. Simplesmente como o Português, ele passou para a lenda. Sua propriedade situava-se a uma légua de um lugar que também desapareceu com o esgotamento das minas de ouro.

O Português ajuntou uma estupenda fortuna e era um homem estranho: taciturno, arredio, de poucas palavras, praticamente não se relacionava com pessoa alguma e parecia não ter amigos na região. Dirigia-se à vila para os negócios, as compras. Comparecia às cerimônias religiosas e oficiais e assistia, sozinho, a alguma representação teatral. Naquele tempo, porria dinheiro grosso por lá, havia muito ouro. Traziam companhias de teatro do Rio de Janeiro. Vieram atrizes até da França para representar numa pequena casa de espetáculos que mandaram construir. Imagine o senhor, dessa vila só restaram umas pedras aqui, outras acolá e uma meia dúzia de ranchos miseráveis. O Português costumava chegar à vila numa carruagem puxada por duas parelhas de cavalos bem ajaezados e uma procissão de servidores, composta de escravos, ajudantes e guarda-costas. Ao perceber a aproximação do cortejo a levantar poeira na entrada da vila, os moradores corriam às portas, às janelas e às ruas para vê-lo passar. Dentro da carruagem, sizado e silencioso, vinha o senhor com seu chapéu de plumas e os fatos trazidos de Portugal. Fazia

UFG
B.C.

UFG
B.C.

o que tinha que fazer na vila, falava com os outros só o indispensável e partia solene e misterioso para seus domínios.

O pessoal que trabalhava na Casa da Torre era também uma gente estranha. Pouco se relacionava com os outros, nunca comentava o que se passava atrás dos muros da casa de seu senhor. O Português era justo e humano com seus empregados e escravos, mas cruel com os desobedientes e levianos. Todos o temiam, talvez por isso preferissem não bater com a língua nos dentes.

Ele e sua resumida família viviam rodeados de muito luxo. Tudo vinha do Reino. Na sua mesa, nunca faltava o vinho da melhor qualidade, cujos tonéis, depois de vazios, ele enchia de ouro e escondia no fundo do porão. As baixelas, porcelanas e cristais eram gravados com o monograma do dono da casa. Linho da Irlanda, porcelana chinesa, candelabros de prata, cortinas de renda não faltavam ali dentro. Havia também um piano de cauda e uma biblioteca com livros encadernados de marroquim com gravações a ouro.

Entretanto, existia algo mais na casa, além dos veludos e rendas, dos cristais e baixelas, dos escravos silenciosos, do bizarro cortejo, das árias tristes que evolavam do piano nas tardes quietas. Era a Portuguesinha, a filha do ricoço, a linda e doce menina, de grandes olhos pretos, as duas tranças loiras e o corpo de deusa. Cuidava da sua educação uma preceptora, viúva de fino trato e um vago título de nobreza, freqüentadora do paço de Lisboa e que viera, ao Brasil, unicamente para cuidar da formação da menina. A Portuguesinha vivia, praticamente, como uma cativa. Seus passeios se resumiam aos limites dos muros de pedra. A ama e a preceptora nunca a deixavam sozinha. Fora o passeio pelo pomar e o tempo ocupado nas lições de piano, nos estudos, no aprendizado das artes domésticas, era-lhe permitido assistir à missa diária celebrada de madrugada na Igrejinha de Nossa Senhora da Guia, que ficava relativamente próxima da Casa da Torre,

a meio caminho da vila. O pai consentia que fossem a pé, na companhia de dois escravos robustos.

oOo



A pequena e alva igreja, singela e pobre, tinha um campanário, sua maior riqueza. A voz dos sinos causava admiração a quantos a ouviam. Era uma música harmoniosa que, ao soar, enchia de beleza e de poesia aqueles ermos. O zelador da igreja morava com sua família numa casa ao fundo. Cuidava dela, tocava roça e horta e zelava do pomar nas terras da paróquia. O filho mais velho, o Pedro, seu braço direito, era um rapagão bonito, moreno, de olhos verdes, bom filho, não lhe faltando disposição para o trabalho. Pedro zelava da igreja com carinho. Gostava especialmente dos sinos. De tempos em tempos, pulia-os, limpando com cuidado os números gravados dentro de um círculo de estrelinhas: 1751.

Para ajudar o pai, o moço levantava-se muito cedo. Na madrugada, acostumou-se a ver, diariamente, o vulto das três mulheres passando em silêncio, sob a luz das estrelas esmaecentes. Olhava-as com curiosidade. A professora, seca, alta, espigada. A outra, a ama, gorda, pachorrenta, às vezes, atrasando o passo e dando corridinhas desajeitadas para alcançar as companheiras. No meio delas, qual anjo de formosura, o andar cheio de graça, o rosto oculto atrás de um véu escuro, caminhava a menina.

Com o tempo, foi crescendo o interesse de Pedro em esperar a passagem da linda devota. Aguardava-a, depois, com uma vaga emoção. Da emoção passou à ansiedade. Eu ia me esquecendo de dizer: Pedro, além de rapaz bem apessoado, possuía uma inteligência notável. Além de ajudar o pai, estudava no seminário. Distinto por natureza, dizem que mais de uma sinhasinha suspirava ao vê-lo passar. Apesar de

sua condição humilde, naquela província de raros moços de valor moral, nenhum senhor de posse e títulos renegaria um genro de tais qualidades.

Nos últimos tempos, entretanto, Pedro mudou, parecia outra criatura. De brincalhão e alegre, tornou-se sério e pensativo. Só uma imagem enchia-lhe o coração e a mente: o vulto misterioso da Portuguesinha. "Como serão os olhos dela? Azuis? Castanhos? Pretos? E seus cabelos? E suas tranças?" Com obsessão, repetia as mesmas perguntas noite e dia. Se as três deixavam de comparecer à missa, outras perguntas bailavam na sua cabeça: "Estará a menina doente? Ou a mãe? Ou a professora? Será que ela viajou? Amanhã virá?" Uma aflição dominava-o, até que tornasse a vê-la. Pedro estava amando. Amava um rosto escondido atrás de um véu escuro, um ser entrevisto na semi-claridade das madrugadas. Ele estava amando loucamente moça a cativa da Casa da Torre.

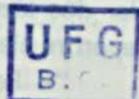
oOo

Os dias corriam com a lentidão de séculos. E eram sempre iguais. Um acontecimento ou outro, no decorrer do ano, vinha agitar um pouco a vila e mudar o repertório dos mexeriqueiros. Naquela época, chegou um novo fiscal de tributos, pior que o anterior. A população da vila, já expoliada e esgotada, como o resto do país, pela voraz corte de Lisboa, estava aterrorizada. Houve um baile no dia do aniversário do Intendente. Chegou da corte o teatro de marionetes. Apareceu um circo com macacos, uma zebra e um palhaço de perna de pau, que encantava e assustava a meninada. Nada, entretanto, alegrava o coração de Pedro. De pensativo, ele passou a tristonho. Calava, no fundo do coração, o seu segredo.

Uma madrugada, o moço esperava impaciente que as três mulheres surgissem na curva do caminho. Apontaram por

fim. Passaram por Pedro. De repente, o coração do moço alvoroçou-se no peito. A menina atrasou uns passos e virou levemente o rosto para ele. Oh, fascinação! Era um pequeno sinal. Pedro riu, cantou, dançou, cheio de felicidade.

oOo



Numa madrugada de abril, de especial beleza e esplendor, conforme o costume, lá surgiram as três, percorrendo o caminho com a mesma vagareza. Os pássaros cantavam com a forte e viva alegria que adivinha as mágicas e claras manhãs. Elas passaram por Pedro. Ele parou um instante o seu trabalho e seguiu com um olhar enternecido o vulto de sua doce amada. Ela andou com uma inusitada lentidão. Foi-se atrasando do grupo. Mais que de outras vezes. De início, eles nada perceberam. Seria o cansaço ou o sono? Estariam ofuscados pelo nascer de uma manhã de abril? De repente, como se adejasse sobre os próprios pés, a menina correu para junto de Pedro e, com gestos graciosos, suspendeu o véu, murmurando: "Pedro!" "O rapaz deixou escapular o cabo da enxada e caiu de joelhos. "Ela é mais linda que Nossa Senhora! Ela é uma aparição!" E murmurou: "Como eu te amo!"

As duas mulheres, assustadas, estacaram o passo e, por fim, perceberam o gesto da menina. Ferozes, correram até ela e a arrastaram de volta à Casa da Torre, ajudadas pelos escravos.

Nunca mais a Portuguesa passou por aqueles caminhos. Nunca mais voltou à missa na branca igreja de Nossa Senhora da Guia. Debalde os sinos chamaram por ela. Não mais se ouviram as árias tristes tocadas ao piano nas tardes silenciosas. O pai mandou-a com a preceptora para o Reino. Na viagem, o navio naufragou em alto mar.

Com o tempo, as portas e janelas da Casa da Torre fecharam-se. Não mais foi visto o cortejo do Português. Terá

ele morrido de dor? Terá voltado para a pátria mãe? Abandonada, a Casa entrou em ruína. Conta-se que no porão, em meio a tralhas de toda ordem, foram encontrados tonéis abarrotados de ouro e ossos humanos. Pelos arredores, com o rolar dos séculos, acharam objetos preciosos enterrados na areia e, entre eles, alguns garfos de ouro.

“E Pedro o senhor não me perguntou o que foi feito dele?” Pois, o fim do pobre moço é meio controvertido. De tanto esperar a Portuguesinha, tornou-se fraco da cabeça. Foi definhando, definhando, definhando. Deixou de estudar, deixou de trabalhar. Batia os sinos fora de hora e punha-se quieto, por um tempo sem fim, olhando o horizonte. Uns dizem que ele se foi com os sinos, quando uma enchente levou a igreja de Nossa Senhora da Guia. Outros afirmam que os ossos dele acabaram-se no meio dos tonéis, dos ratos e dos trastes velhos no fundo do porão da Casa da Torre.

A Casa ficou com a fama de maldita. Quando se passa por lá o cavalo refuga e eriça os pelos. Bandos de aves assustadas levantam vôo e os répteis correm a se esconder no vão das pedras. Quem tiver coragem de se aproximar, ouvirá badaladas suaves de um sino celestial. A música vai atraindo, atraindo. O viajante vai entrando nas ruínas, vai entrando e, então, encontra com dois vultos brancos luminosos, cada um com uma estrela no rumo do coração. E das ruínas, dificilmente, conseguirá escapar. Muita gente — dizem — foi parar lá dentro e não voltou, nunca mais.

oOo

Uma novem escura escondeu a lua. Os ventos começaram a soprar violentos, dobrando os arbustos e assoviando no telhado. Seu Tomás calou-se. Pareceu-me ver duas formas brancas dançando com o vento, gargalhando para nós. Meu amigo me perguntou com a voz baixa, cheio de terror: —

“Você quer mesmo chegar até lá amanhã?” “Claro, Caius, não foi para isso que nós viajamos três dias?” “Se vocês quiserem chegar até a Casa da Torre de dia, visitar tudo e voltar antes que a noite caia, terão que se levantar, no mínimo, às três horas da manhã. Pegar a noite lá, não sei não, se fosse eu, não arriscaria!” — disse Seu Tomás. “Então é bom a gente dormir logo” — arrematei.

oOo



Prepararam para nós camas fofas com colchão de palha e roupas de algodão que davam gosto de tanta alvura e cheiro. O vento continuava gemendo enfurecido. Eu não conseguia dormir. Sentia-me, devo confessar, completamente emocionado com aquela dolorosa história de amor e tragédia, já tantas vezes ouvida. A Portuguesinha devia ser linda! A parte dos fantasmas é que me deixava um pouco cético. Mas... há muita coisa esquisita, inexplicável e pavorosa nesse vasto mundo! Quem sou eu para duvidar da sabedoria do povo? Uma chuvarada terrível começou a cair. Parecia que torneiras gigantescas tinham sido abertas no céu para inundar a terra. Cochilei. Mal as pálpebras cerraram, sonhei com uma forma branca entrando pela janela escancarada, aproximando-se de mim e dando-me um beijo gelado na testa. Soltei um grito e dei um pulo na cama. Caius acordou assustado e correu para junto de minha cama. “Que é isso, homem de Deus? Já começou a ver fantasmas?” Nesse ínterim, ouvimos um arrastar de chinelos pela varanda. A seguir, uma esbarrada num móvel, que parecia estar derrubando a casa inteira. Começamos a rir, não sei se de nervoso ou da graça da situação. “Deve ser Seu Tomás que ouviu o meu grito. Tratemos de dormir, porque temos que madrugar.”

Felizmente, conseguimos agarrar no sono e agarramos tão firmes, que só acordamos com o dia clareando. Como

não pedimos o dono da casa para nos chamar, ele disse que ficou sem jeito de fazê-lo. Ainda caía uma chuva manhosa. “Não mudou de idéia, seu moço? — perguntou Seu Tomás, enquanto enrolava um pito de palha. Respondi que não e convidei Caius para que partíssemos depressa. Tomamos café e zarpamos.

A marcha da viagem foi lenta, em virtude da chuvarada e da lama. Saímos da estrada principal e entramos numa trilha quase sumida no matagal. Eu ia à frente, cortando os cipós e os galhos com um facão. A chuva foi passando devagar, embora o céu continuasse cinzento, dando ao dia um ar tristonho. A humidade, o frio e a lama prosseguiram. Mais ou menos ao meio dia, paramos para matular. A demora foi curta, porque tínhamos que alcançar as ruínas ao menos às três horas da tarde. Como o dia no verão é mais comprido, era possível que desse pra gente voltar antes de escurecer.

Viajávamos quase em silêncio, cada qual mergulhado nos seus pensamentos. Havia no ar uma certa expectativa. Um sol tímido começou a esquentar a mata e os mosquitos nos incomodavam bastante. Eu ia convidar o Caius pra gente parar e tomar uma água fresca, quando eu enxerguei os primeiros sinais das ruínas. Era a torre. “Olhe lá, Caius!” — gritei. Meu amigo ia tão ensimesmado, que se assustou. Seguiu meu dedo apontado para diante e olhou com interesse. “É mesmo!” “Na verdade, é impressionante!” — ajuntei. Apressamos os animais. A seguir, avistamos os restos do muro de pedra. Com o coração aos pulos, fui-me aproximando. Perto de uma abertura, onde outrora devia ter existido um portão de ferro, pelos vestígios observados, havia uma árvore. Ali amarramos os cavalos. Fascinados, pusemo-nos a percorrer as ruínas. Parasitas, arbustos, entulhos de madeira e pedra dificultavam a visita. Uma coruja voou de um nicho que o tempo abriu numa parede de pedra. Demos um pulo para trás. De sobressalto em sobressalto, fomos exami-

nando cada detalhe. Observamos a entrada de um túnel, os vestígios do engenho e da senzala. A provável entrada do porão estava completamente obstruída. Para um exame melhor e a descoberta de objetos que tivessem interesse histórico, eram necessários trabalhos de limpeza, escavação e a orientação de pessoal especializado.

Nesse ir e vir, subjugados por forte emoção e envoltos numa aura de mistério e temor, não percebemos que as sombras da noite caíam sobre as ruínas da Casa da Torre. Fomos procurar os cavalos e decidir se íamos arriscar a pernoitar ali mesmo e observar melhor as ruínas na manhã seguinte ou se seria mais prudente sair daquele mato cerrado e daquela vizinhança maldita. Voltando à entrada, verifiquei consternado que apenas o meu animal permanecia amarrado à árvore. O cavalo de Caius era um poltro esperto e irrequieto. Caius, certamente, não amarrara o cabresto com as devidas cautelas. Pusemo-nos a andar pelo meio do mato, eu gritando: "Crioulo! . . . Crioulo! . . . Crioulo! . . ." Nada de Crioulo. Daí, nos demos conta de que a noite chegara negra e gelada. Eu disse a Caius que voltássemos para junto do outro animal, porque, assim, pelo menos, a comida estaria garantida e havia um cantil cheio de água fresca. Depois a gente ia resolver com calma. Tratamos de limpar um pequeno espaço para fazer uma fogueira, o que não ia ser fácil, porque os gravetos estavam úmidos. Conseguimos um foguinho meio renquéim, misturado com fumaça, que nos fazia arder os olhos. Deu para espantar um pouco a treva medonha. Comemos o resto da matula. Estávamos tão desarvorados, que as palavras saíam com dificuldades. Eu não sabia se continuava ali assentado, se ia forrar o chão com a capa Ideal para improvisar uma cama. A noite ia ser longa, muito longa. Eu olhava em torno, como se estivesse espreitando algo na escuridão. De repente, o Crioulo relinchou. Caius e eu levantamo-nos ao mesmo tempo. "Vou pegar esse desgraçado" — eu disse.



“Não corra, vá devagar, senão ele se assusta e aí é que some mesmo.” Consegui pegá-lo. Amarrei-o fortemente ao lado de meu russo, desarreando os dois, a seguir. Uma acauã grazinou na fundura do mato. Eu procurei reavivar o fogo. Caius e eu cabeceávamos à beira daquele foguinho fumacento, os olhos ardendo, os sustos intermitentes com o grito noturno dos animais e aves. “Vou forrar o chão e tentar dormir” — eu disse. “Rapaz” — disse Caius alegrando-se por uns momentos, “Eu tenho uma garrafa de cachaça no alforge. Como sou burro! Tinha-me esquecido. Acho que é o medo.” Deu uma risada meio descontrolada. “Vamos tomar?” Eu agrade-ci, porque preferia estar atento a tudo. Caius foi bicando a bebida, numa xicrinha de café esmaltada. Ele tornou-se pal-rador. Gritou, cantou, deu um tiro de garrucha para o ar. Depois apagou-se derreado sobre a capa Ideal.

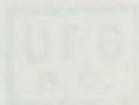
Do fogo, não restava mais que minúsculas brasas, que iam morrendo aos poucos. Um urutau piou fundo, triste. Eu olhei para os lados da torre. Vi-a iluminada. Limpei os olhos, esfregando-os. Uma luz claríssima envolveu toda a ruína. Depois ouvi aquela música, extraordinária, suave, em murmúrio. Tremendo, pus-me de pé. E fui andando, andando, tropeçando, caindo, levantando, os cabelos arre-piados. Eu queria gritar, não conseguia. Foi, então, que os vi, os dois, eram formas diáfanas, tinham olhos como focos de luz e duas estrelas no coração. Dançavam, gargalhavam, corriam sobre o muro de pedra, voavam em torno da torre, passavam por entre os arbustos. A música foi sumindo. As gargalhadas estridulavam na minha cabeça, transtornando-me. Tentei passar pela abertura que devia ter sido o portão principal. O mundo rodopiou comigo. Os gritos lancinantes estouravam a minha cabeça. Desabei. Minha fronte bateu contra uma pedra. Nada mais vi.

Despertei já dia claro com Caius, assustadíssimo, segu-rando a minha cabeça e colocando na minha testa um lenço

umedecido com o que sobrou da cachaça. “Meu Deus, o que aconteceu?” – perguntou ele. “Não sei, eu disse. Vamos embora urgente desse lugar maldito!” Arreamos os cavalos e fomos disparados até chegarmos à casa de Seu Tomás. Quando ele viu a minha testa, fez um sorrisinho irônico e sentenciou: “Quem caça, acha!”



A DAMA DAS JOIAS



A DAMA DAS JÓIAS

... Seu Modesto, apesar de miseravelmente pobre, possuía um
doce e ilustre nome. Era conhecido em toda a cidade
Ribeirão Preto, em Santa Antonia de Goiás, em Goiás Velho e
em todo o Estado com os seus amigos pelos seus lindos olhos
e a impetuosa elegância. Chegava a ser muito estimado, que
marchava reputado como se diziam. A cidade era conhecida
de grande com o nome de Estância de prata, porque cada casa
na cidade. Era a cidade de ouro e prata e vinha, desde o tempo
de ouro e prata, quando se chamava de ouro e prata de
ouro, chamado de prata, Botafogo, vinha e ouro e prata de
negócios. Nas viagens pelo interior quando, finalmente,
deu-se a "virada" de ouro e prata. Em Santa Antonia,
na hospedaria de São Domingos e Francisco Mariano, mais
conhecido por São Domingos. Numa época, Seu Modesto
andava empobrecido por uma linda rapariga de Bahia que não
se sabe por que razão a fora, vinha de as costas negras
luzes e insignificante. O nome de Seu Modesto com
a dita mulher era conhecido, pois ele ajudava muito a
Carpideu Chiquinho e seu filho. Essa história vem contada
em muitos dos livros de ouro. Ela por andar sempre muito
triste em casa, fingia pedir ouro ao Ruy, que não
permanece no Compê, na qual se detinha, que então



Seu Modesto, apesar de quarentão, era um homem vaidoso e simpático. Ao entrar no povoado, chamava a atenção. Aliás, em Santo Antônio das Grimpas, era bem conhecido e fazia sucesso com as mulheres pelas suas tempôras grisalhas e a impecável elegância. Chegava numa mula queimada, que marchava repicado como se dançasse. A arriata era caprichada: arreio com cabeça e estribos de prata, pelego, capa Ideal na garupa. Ele se vestia de linho cento e vinte, botas lustrosas de cano longo, patacão de corrente de ouro no bolso do colete, chapéu de lebre. Boiadeiro, viajava constantemente a negócios. Nas viagens pelo interior goiano, discretamente, dava suas "voltinhas" de homem "levado". Em Santo Antônio, era hóspede de Seu Compadre Francisco Mariano, mais conhecido por Seu Chiquinho. Numa época, Seu Modesto andava embeijado por uma linda morena da Bahia que, não se sabe por que cargas d'água, viera dar os costados naquele lugar pobre e insignificante. O romance de Seu Modesto com a dita morena era reservado, pois ele respeitava muito o Compadre Chiquinho e sua família. Essas histórias eram contadas aos cochichos ao pé do ouvido. Ele, por andar chegando muito tarde em casa, resolveu pedir pouso no Rancho, uma casa pertencente ao Compadre, na esquina defronte, que antiga-

mente fora ponto de pouso de tropeiro e hoje vivia mais fechada. Ela ficou com o nome de Rancho, mas era uma casa tão boa quanto a do Compadre: casa de esteio de aroeira, assoalho de tábuas largas, com muitos quartos e longos corredores. Alguns cômodos eram mobiliados e, na sala de visitas, havia uns retratos dos antepassados da família. Só havia um problema. A casa era mal assombrada. Ultimamente, os mais corajosos evitavam pernoitar nela. "Uái, Compadre Modesto, o senhor sempre dormiu dentro de minha casa, no melhor quarto que eu tenho a honra de reservar-lhe, que história é essa de dormir no Rancho? O senhor está ciente da fama dessa casa, não é mesmo? "Seu Modeste deu umas desculpas meio esfarrapadas, dizendo que talvez fosse jogar truco com uns amigos e não tinha hora de voltar. Não queria incomodar o Compadre e sua família. Quanto à alma penada, já atravessara, sem medo, muito capão mal assombrado, já passara perto de cemitério tardão da noite e nunca vira nada, graças a Deus. Não zombava dos medrosos, porque com coisas do além não se brinca, mas acreditava que o medo é que provocava a maioria dos fantasmas. "Pois bem, se essa é sua vontade, o prazer de recebê-lo é o mesmo" — arrematou Seu Chiquinho.

Assim, a Comadre Maria Angélica deu ordem para que se fizesse uma faxina geral na casa, que andava muito empoeirada. Mesmo de dia, a negra Silvina foi morrendo de medo. A cama foi arrumada com um alvo lençol de linho e uma colcha de croché. A toalha de banho foi colocada numa cadeira ao lado e no criado mudo a bacia esmaltada com um jarro d'água. A mala foi colocada sobre uma canastra de couro enfeitada com tachas douradas, que formavam as iniciais DGM e a data — 1910.

Seu Modesto aprontou-se no maior dos requintes e foi para os braços da morena baiana.

O patacão marcava umas três horas da manhã, quando Seu Modesto pegou o caminho do Rancho. Uma lua bonita iluminava as ruas poeirentas e esburacadas de Santo Antônio. O silêncio e a solidão se derramavam sobre as casas brancas, encolhidas no frio da noite. De vez em quando os cães vadios latiam para o nada. Com o passo rápido, ele chegou ao Rancho em poucos minutos. A chave rangeu na fechadura da porta principal. Ele riscava fósforos para se guiar no corredor escuro e comprido. Cruzou a varanda e ganhou o quarto. Sentiu um certo alívio, quando acendeu o lampião. A escuridão sufocava-o. Despiu-se depressa e enfiou-se debaixo das cobertas. Apagou o lampião, mas o sono não veio logo. Pensava na morena. Só a imagem dela, o corpo bonito e cheiroso que nem flor do campo, os longos cabelos pretos, a voz macia, tomava conta de sua mente, de toda a sua alma. Ele estava apaixonado como um menino de dezoito anos. Já era tempo de criar juízo. Não estava mais na idade para essas loucas aventuras. Tinha a cabeça transtornada. Começou a cochilar, entre delírios e suspiros. Acordava sobressaltado sem saber onde estava. Cochilava de novo. De repente, ouviu um arrastar de chinelos. Saiu da modorra sem compreender claramente se estava dentro ou fora do sonho. Arregalou os olhos para a escuridão. Estava tudo um tremendo breu. Houve nns momentos de silêncio. Recomeçou o arrastar de chinelos. Conscientizou-se de que estava acordado. Assentou-se na cama. Nesse momento, viu no teto um clarão, reflexo de uma luz que vinha de outro cômodo. Tentou acender o lampião, mas não se lembrava onde tinha posto os fósforos. O ruído dos chinelos irritava-o e o punha em sobressalto. Era boiadeiro e sempre andava com muito dinheiro na goioca. Às vezes, carregava até jóias para presentear seus amigos. Da outra vez, trouxera um par de abotoaduras de ouro com o nome gravado para presentear o Compadre Chiquinho. Desta vez trouxe um trancelim de ouro com um olho de Santa Luzia maciço,



jóia muito fina comprada de um ourives de Niquelândia. Era para sua morena. Entregaria no dia da despedida. Será que alguém sabia em Santo Antônio que ele trouxera desta vez uma quantia muito alta em dinheiro para a compra de gado? A maldade no mundo anda solta. Sempre andou, aliás. Seu revólver estava na goiaca, no encosto da cadeira. Na mala tinha um punhal. Ladrão não podia ser, raciocinou. Ladrão não era trouxa de clarear a casa para roubar. À custo, encontrou os chinelos. Pôs-se de pé e foi esgueirando pela parede, com passos leves. Transpôs a porta do quarto, ganhou o corredor. A claridade era cada vez maior. Entrou na varanda. A luz estava na sala de visitas, a dos retratos dos mortos. Foi até lá como se atraído por uma força misteriosa. Ao entrar na sala, mudo de pavor, deu com uma figura impressionante. Era uma mulher alta, de porte nobre, cabelos penteados em coque, olhos vazios, rosto cor de cera, vestido longo de renda, decotado, o colo coberto de colares de todos os feitios: de contas de ouro, de contas de coral, de esmeraldas, de rubis, de pérolas. Usava brincos de brilhantes e os braços estavam carregados de pulseiras até quase os cotovelos. A dama parecia contemplá-lo com seus olhos ocos.

Abestalhado, tremendo dos pés à cabeça, ele queria correr, mas não conseguia libertar-se da atração que aqueles olhos ocos exerciam sobre ele. Finalmente, conseguiu recobrar o senso da realidade, correu para o quarto dando encontrões nas portas e paredes. Cadê fósforo? Cadê lampião? Onde estavam suas calças? Tinha vaga noção do rumo da janela. Foi apalpando a parede até encontrá-la. Retirou a tranca, escancarando-a. Nem pensou na altura. Pulou para a rua. Felizmente não se machucou, porque a janela não era muito alta e o chão estava fofo. O primeiro canto do galo anunciava a madrugada. Seu Modesto correu para a casa do Compadre Chiquinho. Esmurrou a primeira janela que alcançou. "Compadre Chiquinho, abre a porta, pelo amor de Deus!" Ao abri-

la, o Compadre, um pouco surpreso, viu o amigo só de cuecas, tiritando no frio da madrugada.



APARIÇÃO



APARIÇÃO

Mansinho era um homem bom e alegre. Fora vendido em várias fazendas de cana-de-açúcar de minérios e pagode, repintava as paredes de viola e cantava com modos que fazia gosto. Era competente na arripação e no catetico. Viu andando de cartão. Não que seu serviço fosse ruim, é que ele gostava mesmo de virar de vice, de mudar para que as coisas ficavam mais interessantes. Era ligava muito conhecido na região de Santa Teresita, Barro Preto e Salobra.

A morte trágica levou Mansinho muito cedo. Já passava dos cinquenta, mas verificamos da conta de pagar verga do negro. Seu rosto era lizo, sempre, seus dentes nunca tinham seu corpo descompensado e igil. Foi um dia, a morte de Mansinho. Certa noite ele, não deve partir nunca, muito menos assim, tão cedo. A morte buscou-o de repente, em uma noite.

Por muito e muito tempo a ausência de Mansinho foi sentida. Nos tempos, nos pagodes, nos repintamentos, nos festejos, sempre ouvia uma frase: "Ah, se o Mansinho estivesse aqui." A presença de viés, sempre de perto, não acontecia, tornou mais evidente a ausência do negro e quando voltava.

Os dias foram passando em vão de vida. As coisas via



Manezinho era um negro bom e alegre. Fora vaqueiro em várias fazendas da redondeza. Animador de reuniões e pagodes, repinicava as cordas da viola e cantava suas modas que fazia gosto. Era competente na animação e no trabalho. Vivia mudando de patrão. Não que seu serviço desagradasse, é que ele gostava mesmo de variar de vida, de mudar para que as coisas ficassem mais animadas. Era figura muito conhecida na região de Santa Tereza, Bonsucesso e Salobro.

A morte traiçoeira levou Manezinho muito cedo. Já passara dos cinqüenta, mas velhice não dá conta de enrugar cara de negro. Seu ronto era liso, alegre, seus dentes muito brancos, seu corpo desempenado e ágil. Foi um baque, a morte do Manezinho. Gente como ele, não devia partir, nunca, muito menos, assim, tão cedo. A morte buscou-o de repente, sem aviso algum.

Por muito e muito tempo a ausência de Manezinho foi sentida. Nos terços, nas novenas, nos pagodes, nos casamentos, nos batizados, só se ouvia uma frase: "Ah, se o Manezinho estivesse aqui." A presença da viúva, sempre de preto, nos acontecimentos, tornava mais evidente a ausência do alegre e querido violeiro.

Os dias foram andando na vida da roça. As chuvas vie-

ram mais cedo para renovar o verde e apagar a tristeza da se-
quidão. Sabia-se que, na colheita seguinte haveria fartura.
Pouco a pouco a lembrança do Manezinho foi-se esvaecendo.
Os pagodes voltaram a ter a alegria de antes: outros violeiros
apareceram. A viúva cansou-se do vestido preto. E a vida
continuou.

Um belo dia, estava Seu Januário, último patrão de
Manezinho, arrumando a casa de despejo, para dar uma lim-
peza geral e tirar a poeira que se acumulara há tempos. Dis-
traído, com o pensamento nos negócios, ele ia fazendo o
serviço, quase que maquinalmente. Mal percebeu que o quar-
tinho clareara. A casinha de despejo era um pouco escura e
mais escura se tornara com os caixotes de mantimento, as
tulhas abarrotadas, os arreios dependurados. Às vezes, até as
galinhas faziam ninho por lá. Seu Januário largou no chão
a saca de café que estava empurrando para um dos cantos do
cômodo. E o que viu? Em cima da tulha, dançava o Manezi-
nho, com aqueles requebros moleques que costumava fazer,
sobretudo sob o efeito da boa caninha, fabricada ali mesmo
na fazenda. Os dentes reluziam de branco. na cabeça o mes-
mo chapéu de palha que costumava usar e o lenço vermelho
no pescoço, com as pontas flutuando. Seu Januário teve um
baque no peito. Homem valente, ele sentiu as pernas fraque-
jarem. Pensou que estivesse delirando. Limpou os olhos.
Num instante, a luz foi morrendo e a figura do Manezinho
apagou-se devagar, até sumir por completo. Seu Januário era
homem reservado. Guardou em silêncio o acontecido. Nessas
histórias de assombração há muita fantasia. Homem sério,
não desejava que dele duvidassem.

D. Rita, a mulher de Seu Januário, gostava muito do
Manezinho e admirava-o pela correção no trabalho e pelas
artes na viola. Bondosa, ela era um pouco mãe dos agregados,
dos meeiros, de todos os que lidavam na fazenda. Quando o
Manezinho morreu, ela ficou muito abalada. Volta e meia

estava falando nele. Um certo tempo depois da aparição, D. Rita estava no jardim, cuidando das flores, com o amor de sempre. De repente, lá no canto da cerca, também o viu. Com o chapéu de palha na cabeça, como sempre, e o lenço vermelho no pescoço, dessa vez ele tocava viola. Mas a música era tão bonita, tão suave, parecia mais anjos tocando bandolim. D. Rita segurou-se na cerca para não cair. Não sabia se sonhava ou se estava louca. Abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu-lhe da garganta. Em breves instantes, ele desapareceu numa neblina.

D. Rita entrou para a casa. Tomou um copo d'água para aplacar o susto. Sentou-se no banco da varanda. Ali ficou um tempão, pensando, pensando. De noite quase não dormiu. Não foi de medo, propriamente, mas impressionava o jeito como ele aparecera. Tempos depois, a aparição foi na casinha do monjolo. Ela havia ido verificar se o fubá de arroz estava no ponto. A casinha era espaçosa. Pelas paredes dependuravam-se as peneiras e algumas ferramentas. Havia um jirau com algumas gamelas. Tocos de aroeira serviam de banco. D. Rita ouviu um ruído estranho. As coisas pareciam se mexer. Ela abaixou-se para apanhar um punhado de fubá no pilão. Experimentou-o, passando-o por entre os dedos. Provou. Pôs o monjolo de novo a funcionar. O fubá estava meio grosso. Era preciso socar um pouco mais. Quando se virou para a parede dos fundos, lá estava ele de novo, o Manezinho da Viola, dessa vez com um semblante triste. Que estranhos estavam os olhos dele! Pareciam implorar. D. Rita, tropeçando no baldrame, correu para a casa. Seus nervos estavam estourando. Que desejaria o Manezinho para estar perturbando os vivos dessa forma? Que obrigação teria deixado no mundo sem cumprir? Nisso, chegou Seu Januário. E ela foi dizendo tudo a ele. Não podia mais guardar o segredo. Por seu lado, ele relatou as vezes que o vira sobre a tulha de arroz, dançando. Depois, esvoaçando em cima das chamas, quando fora por



fogo no pasto. “Da próxima vez, eu vou perguntar o que ele deseja. Desse jeito não dá para continuar”, arrematou D. Rita.

Passados uns dias, a boa senhora estava na sala, fiando. Ela gostava de fiar. Eram os momentos em que descansava, pensava na vida, nos ausentes, nos distantes. Fiava horas e horas. Sua tecedeira era a comadre Antônia. Era uma artista do tear. Sabia fazer o riscadinho, o fustão, a laranja partida, a bandeja com as xícaras, os caramujinhos. Tecia com perfeição. Dona Rita não tinha enchido o primeiro fuso, quando o Manezinho apareceu assentado no banco da frente. Ela parou a roda. Seu coração se acelerou no peito. Era mulher de coragem. Nunca recuara diante das dificuldades. Não seria agora que o medo ia dominá-la. Reuniu todas as forças para fazer a pergunta. A voz teimava em não sair. Mas saiu: “Por que você está voltando Manezinho? Seu lugar não é junto dos vivos. Deixe os vivos em paz. Vai pra onde Deus te mandou!” Então ele falou com uma voz estranha que parecia vir de muito longe: “D. Rita, morri devendo uma promessa. Se a Senhora pagar para mim, nunca mais eu voltarei!” “Que promessa, Manezinho?” “Rezar uma novena de terço e acender uma vela para Santo Antônio.” “Hoje eu não estou prevenida de vela, mas amanhã mesmo vou começar.” Uma vez mais D. Rita guardou sigilo daquela aparição e da entrevista. Não ia ser difícil o cumprimento da promessa, sem que os outros percebessem, porque, naquela semana, Seu Januário e os filhos estavam de viagem para levar um gado para outro município. As mulheres iam lidar com farinha e polvilho e o resto do pessoal, durante o dia, ficava era mesmo esparado.

Conforme prometeu, D. Rita cumpriu. Às três horas da tarde, a partir do dia marcado, acendeu uma vela para Santo Antônio e diante do Oratório ela rezava o terço. E ele, de um lado, acompanhando. No último dia, Dona Rita viu que

o semblante dele estava iluminado. Os olhos não tinham mais aquele jeito esquisito, de fazer medo. Quando ela disse a última palavra da Salve Rainha, ele sorriu, agradeceu e foi-se apagando, sua figura desaparecendo aos poucos. Para nunca mais voltar.



LAGOA SANTA



LAGOA SANTA

De forma oval, lágua de formato de umidade, por um
inicial, onde nasce um dos periquitos que,
nas suas vozes, sempre voltam a repetir, encimam os aspectos
de alegria, de beleza, de grande significação. De fato,
uma agitação própria, com as palavras encorajando-se nos
árvores, para formar um período entre que somem a parte
da lagoa. Os rios de um país, especialmente, são capazes para
dover um pouco o espírito das águas. De natureza que
imobilizam-se em um lugar, que possuem a exatidão,
no silêncio, sempre de alguma forma sempre há,
vozes harmoniosas, palavras encorajando, sempre cantando, o que
trazem a vida, sempre a importância de todos, de animais,
de dia, de noite, de esperança.

Água não é uma coisa qualquer. Trata-se de Lagoa
Santa.

Não são apenas águas que correm, pelo movimento
que despertam no mundo. Elas são águas que correm. Elas
vão lá, elas correm, elas correm, que o povo sempre de
lagoa, são capazes de viver a natureza desde os tempos mais
longínquos. Não possuem um caráter, mas são águas, são
pessoas, sempre a natureza, especialmente das águas de

De forma oval, a lagoa era rodeada, de um lado, por um buritizal, onde costumavam pousar bandos de periquitos que, nos seus vôos, mancha volátil e amorfa, enchiam os espaços de alegre verde, de barulhenta e garrida tagarelice. Do outro, uma vegetação espessa, com os parasitas enroscando-se nas árvores, para formar um paredão escuro que sombreava parte da lagoa. Os raios de sol mal conseguiam abrir caminho para clarear um pouco o espelho das águas. Da superfície quase imóvel emanava um brilho incomum, que convidava à meditação. No silêncio, irrompia de repente, uma melodia suave, vozes harmoniosas, violinos tocando, anjos cantando, o que transmitia uma sensação inebriante de êxtase, de saudade, de dor, de alegria, de esperança.

Aquela não era uma lagoa qualquer. Tratava-se da Lagoa Santa.

○ Não era famosa apenas pela beleza, pelo místico enlevo que despertava no viajante. Eram milagrosas suas águas. Curavam feridas cancerosas. Essas feridas, que o povo chama de bravas, têm desafiado a ciência humana desde os tempos mais longínquos. Não poupam reis, rainhas, nobres, plebeus, ricos, pobres, famosos e anônimos. Indistintamente da riqueza ou

do poder, elas agarram suas vítimas e só as deixam por um milagre ou para a morte.

Pois as águas da Lagoa Santa curavam de forma perfeita. Da doença não deixavam rastro algum, sinal algum, cicatriz alguma. Ao contrário, a parte afetada tornava-se limpa, rósea e fresca como pele de criança.

De longe, vinha gente cheia de fé e esperança para acampar à beira da Lagoa Santa. O homem, indefeso, vive à procura de forças milagrosas que o socorram na sua fragilidade, na sua miséria. Ele se apegava a fenômenos extra-naturais para curar os seus males físicos e para satisfazer a sua ânsia de atingir o inatingível, de desvendar o que está além da cortina do entendimento racional.

Em busca da Lagoa Santa, chegava gente a pé, de carro de bois, de carroça, a cavalo, carregada em rede.

Para fazer uso das águas, entretanto, havia um rito que fora transmitido ao pé do ouvido, de século após século, aos peregrinos sofredores e cheios de fé e de esperança. Ninguém podia conspurcar as águas da Lagoa Santa, lavando diretamente nelas as feridas, nem tampouco as vasilhas sujas, a roupa usada, os corpos. Para utilização, era preciso que se retirassem as águas. Para as curas, elas deviam ser despejadas sobre a parte doente, com muita fé, respeito e concentração. Até então, o rito tinha sido observado e as águas sagradas eram tratadas com amor e respeito.

Entretanto, um dia o inesperado aconteceu.

Na última leva de peregrinos, veio uma mulher. Estava sozinha. Tanta ruga, tanta poeira, tanta pobreza havia em seu rosto e em sua figura, que não se podia precisar sua idade. O lenço descolorado deixava escapar uns tufo de cabelos grisalhos e desgrenhados. O corpo curvava-se ao peso de uma mala suja. Os pés, dencalços, vinham-se arrastando na poeira de distantes caminhos. Quem era aquela que hoje se abeirava de um grupo, pedindo um prato de comida, amanhã, apro-

ximar-se-ia de outros peregrinos para suplicar um biscoito e uma xícara de café? O seu nome, a sua origem, ninguém sabia. Quando chegaram à Lagoa Santa, ela acampou um pouco separada dos outros. Fez da mala imunda seu travesseiro e dormiu de cansaço, sonhando os sonhos que eram só seus.

De manhãzinha, a mulher desfez a trouxa, enfiou a mão no meio dos trapos, retirou uma roupa esfarrapada e suja e encaminhou-se para as margens da lagoa. Ao aproximar-se, deu uma olhada em torno. Os olhos cansados tornaram-se pensativos. Uma expressão de beatitude suavizou a feiúra de seu rosto. Certamente, ela percebeu a divina melodia. A seguir, a mulher agarrou a peça de roupa e enfiou-a no seio morno das águas sagradas da Lagoa Santa.

Àquela hora, os devotos, os doentes e seus acompanhantes estavam-se levantando nos seus pousos. O sol acabara de surgir, derramando seus raios dourados no espelho da lagoa. Os peregrinos iam buscar as águas para as curas e para outras necessidades.

Nesse instante, um murmúrio triste, um gemido levantou-se do seio das águas milagrosas e foi ouvido por todos. Elas, sempre calmas, tornaram-se revoltas e agitadas. Os peregrinos a tudo viam, sem compreender.

De repente, uma pomba branca, de imaculada alvura, levantou-se do interior das águas e saiu voando para o infinito. Desapareceu no espaço, ante os olhares atônitos.

Com a pomba branca, voou para sempre o milagre da Lagoa Santa.





O arraial de Pilar foi fundado em 1741 por João de Godoy Pinto da Silveira. Reza a tradição que, a princípio, se chamou Papuan, devido à abundância desse capim na região. Está a trinta léguas da antiga Vila Boa, no meio de três altas montanhas: a de Moquém, ao sul; a de Boa Vista, a leste; e a do Pendura, a Oeste. Possuía a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, com as Capelas do Rosário, São Gonçalo e da Senhora das Mercês. Chegou a ter duas companhias de Cavalaria do 2º Regimento, duas de Infantaria, duas de Ordenanças, uma de Henriques. Suas lavras foram ricas. Calcula-se ter dado o morro do Pilar mais de cem arrobas de ouro e não produziu mais por falta de água. Houve época em que nove mil escravos foram empregados em suas lavras. Depois, veio a triste decadência. O ouro foi-se e nada deixou, a não ser o abandono e a ruína. Conta-se que por volta de 1824, a falta de dinheiro era tão grande, que as miudezas eram compradas a troco deovelos de algodão fiado.

Ficou a lenda e a fama dos sinos. Os sinos eram de ouro, datados de 1756, erguidos num campanário junto à Matriz. A voz dos milagrosos sinos de Pilar, mais melodiosa que os sons de bandolins tocados por anjos celestes, fez maravilhas,

que a fiel memória do povo registrou para a admiração dos séculos.

oOo

Conta-se que na cidade de Pilar havia um capitão que, com a descoberta do ouro, ficara o mais rico dentre os ricos. Na sua mesa, não faltava o vinho finíssimo, ambrosia dos deuses, que vinha do Reino. As fragrâncias usadas pelas mulheres da casa chegavam de terras francesas. De ouro mandara lavar as baixelas, e de prata mais fina eram os candelabros. As porcelanas vinham de Macau e de seda pura da China e da Índia eram os vestidos das senhoras. O Capitão Antônio D'Ávila e Mascarenhas tinha uma filha, mimosa como uma flor silvestre, Maria d'Abadia, Mariazinha para a família e Sinhazinha para os escravos. Tanto tinha Mariazinha de bonita, inteligente e adulada pelo pai, quanto de caprichosa e, às vezes, cruel com seus servidores. No meio dos escravos, havia um adolescente, o Afonso, menino espigado, forte, de belo rosto e olhos tristes. Na casa dos d'Ávilas, para os padrões da época, eram até humanos com os escravos. Diziam que o Afonso, inteligentíssimo, aprendera a ler. Como acontecera, ninguém sabia, pois o tempo dos escravos era medido e contado. Nem que fosse sob o poder da chibata, do tronco e dos mais cruéis castigos, tinham que arrancar ouro para seus senhores. Para uns fora o vigário, seu padrinho, que o ensinara. Para outros, que aprendera sozinho, por milagre.

Afonso, dentre alguns outros negros, estava a serviço da Sinhazinha. Uma das crueldades, incompatível com seu jeito de anjo, era exigir de Afonso as mais estapafúrdias tarefas, como para humilhar a juventude daquele ser humano e lembrar a ele, constantemente, sua condição de servo à disposição dela. Ora exigia que ele fosse buscar uma orquídea rara,

num despenhadeiro, para enriquecer a sua coleção de plantas, ora mandava que ele apanhasse um pássaro exótico para criar na gaiola de ouro que o pai mandara fazer.

O Capitão, rude e severo com seus subordinados, implacável e brutal nos castigos, adoçava-se, milagrosamente, à aproximação do doce encanto da filha, ao beber-lhe o carinhoso olhar, ao ouvir sua mansa voz. Reprendia-a por causa de Afonso. Era um escravo valioso, sadio, vivo e um capital empatado. Não devia ficar arriscando a vida dele por capricho. A menina dava de ombros, sacudia os louros cachos, beijava as mãos ásperas do pai e o assunto ficava por isso mesmo: “Essa diabinha não tem jeito”, pensava o Capitão.

Naquela tarde, Maria d’Abadia mandou chamar o Afonso. O negro chegou rapidamente e, de olhos baixos, aproximou-se da Sinhazinha. Em seu rosto tristonho, perpassava um pensamento: “O que será que ela quer desta vez, minha Nossa Senhora do Pilar?” Esperou. Então, com sua voz cantada e suave, ela deu a ordem: “Afonso, ouvi dizer que no mato do Buriti existe um mel de excelente qualidade. Mel tão fino, tão doce e tão cheiroso quanto esse, ninguém desta casa teve notícias até hoje. Quero que você vá buscá-lo, agora mesmo. Vá a pé. Desejo os favos inteirinhos e tudo limpo. Veja lá se cumpre a ordem, conforme estou mandando. Se assim não for, você já sabe”. Tímido, Afonso ousou levantar a cabeça e seus olhos tristes pousaram no rosto corado da Sinhazinha. Ele moveu os lábios para dizer. “Mas Sinhazinha, o mato do Buriti é muito distante e já está tarde. Lá tem muitas furnas com onças e outros bichos perigosos. Posso caminhar para a morte. Tende piedade, Sinhazinha . . .” Ele mal murmurou: “Sinhazinha, D. Maria d’Abadia . . .”, a moça se enfureceu. “Você pensa em me desobedecer? Vou dizer a meu pai que lhe mande dar umas chibatadas, para que você não seja insolente.” Chegou a se levantar na sua poltrona de couro ataviada com pregos e bordados de prata.



O escravo saiu cabisbaixo. Ainda pôde ouvir os ecos da voz enérgica da Mariazinha: "Depressa, negro!"

Antes de partir, Afonso foi falar com a mãe, a gorda e humilde Genu, que estava na casa dos escravos, fazendo renda para o enxoval de Maria d'Abadia. Viu o rosto de seu filho caçula, o mais querido deles, derramado de tristeza. Olhou-o inquieto. "O que será desta vez, meu Deus?" Esperou que ele falasse. Afonso contou à mãe a nova tarefa que a cruel menina lhe impusera. "Não há de ser nada, meu filho. Nossa Senhora do Pilar vai te proteger." Enxugou disfarçadamente uma lágrima que teimava em escorrer pelo seu rosto gordo e luzidio. "Vou apanhar as vasilhas para você trazer o mel. Leve esta faca. Ela é afiada e pode te servir. Deus te abençoe, Afonso!"

O jovem negro partiu. Embrenhou-se pelo mato, no meio do cipoal, espinheiros, plantas rasteiras, enormes troncos de árvores seculares, seguindo trilhas que se perdiam num labirinto de sombras, para reaparecer mais adiante e, em seguida, sumir definitivamente. Enervava-o ora o silêncio aterrador, ora o canto estranho de um pássaro desconhecido, ora o urro de uma fera. Aqui, os espinhos lanhavam as pernas do pobre negro. Ali, o cipó lhe batia impiedosamente no rosto. Parecia que mil mãos demoníacas tocavam-lhe o pobre corpo, rasgavam-lhe as roupas, atormentando-o para tornar ainda mais penosa sua incumbência.

De repente, o coração de Afonso bateu em seu peito com violência. Uma enorme cobra amarela, com manchas pardas, quase o alcançou com seu bote certo. Com a mão firme, ele cortou a cabeça dela. Com extrema dificuldade, alcançou uma clareira. As sombras se adensaram. Ele perdera a noção de quantas horas havia andado. Tinha uma idéia vaga de onde se encontravam as colméias, conforme lhe explicara o tio Lourenço. Mas a mata é sempre cheia de ciladas. É mui-fácil se enganar de rumo. Afonso ia movendo os lábios numa

prece à Virgem do Pilar. Com quem podia contar, numa hora dessas, senão com a poderosa Mãe dos Céus? Ele limpou o chão debaixo de uma árvore. Assentou-se por um momento para descansar. Ouviu o ruído do enxame. Pelo menos encontrara as colméias.

Afonso agora se conscientiza de que a escuridão baixara. Vagalumes voam em zigue-zague como pequeninas estrelas errantes. Aves noturnas batem as asas num ruído sinistro. Afonso tem sede, mas não ousa caminhar para procurar uma fonte. Tateando, consegue subir no tronco de uma árvore, alcança um galho, apalpa-o e vê que é bom para passar a noite. Não dormirá, porque os perigos o assediam por todos os lados. Não consegue ao menos ver uma estrela. Que noite longa, mais longa que os próprios dias que já vivera. Entre-meava as preces com os cochilos. Tem sonhos rápidos e pavorosos. Sonha com a chibata do feitor, ameaçando-o. Ouve, alucinado, os gemidos de seu amigo Simeão, que fora amarrado no pelourinho e castigado por um crime que não cometera. Abriu bem os olhos para ver se enxergava alguma coisa na escuridão. Tudo um breu. Se escapasse com vida, certamente Sinhazinha o mandaria para uma comissão no inferno, junto de Belzebu. Que a Virgem do Pilar o perdoasse, mas o ódio ia crescendo como um vermezinho a corroer seu coração.

A madrugada veio vindo. Tudo começou a se movimentar, como se a natureza estivesse despertando de um encantamento. Pássaros chilreavam, insetos cricrilavam, aves piavam, por toda parte agitação e vida. Afonso desceu da árvore, estirou os braços, para se libertar do pânico de uma noite difícil. Deu um bocejo, esticou as pernas e caminhou para procurar uma fonte, um olho d'água para matar a sede. Os arranhões das pernas e braços ardiam. Afonso deu um passo e viu, diante de si, algo que o fez gelar: uma onça pintada, de olhos chispantes e garras ameaçadoras estava diante dele pronta para o salto fatal. O jovem negro pôs-se de joelhos e



ergueu os braços: “Virgem do Pilar, salva-me!” Nesse momento, a mata clareou como se nela tivesse vindo aninhar-se o sol. Uma música suave foi envolvendo tudo. Murmúrio de fontes, vozes de pássaros, anjos do céu tocando bondolim! Era mais linda, mais doce, mais pura. A onça ficou imóvel, hipnotizada. Afonso, guiado por mão invisível, levantou-se. Da correia da cinta, apanhou a faca. Alcançou a onça e, com um golpe decidido, cravou o punhal no rumo do coração do felino. O colosso tombou com um baque, que assustou e afugentou os pequenos animais e insetos. Seguiu-se o silêncio. Calou-se a música, extinguiu-se a luz. O escravo esqueceu a fome, a sede, o cansaço. Agora, só tinha uma idéia em mente: tirar o couro da onça. Isso era o mais importante. Sem muita prática, mas com paciência e perícia, ele esfolou o animal. Dependurou o couro numa vara. Só, então, foi procurar a água e tirar o mel para a Sinhazinha.

Na casa do Capitão d’Ávila, todos esperavam — se não preocupados, pelo menos curiosos — para saber que fim levaria Afonso. Os invejosos riam-se de seus apuros. Os indiferentes, não comentavam. Alguns de bom coração lamentavam a sorte de um moço tão vivo e tão inteligente, desses que a escravidão sufoca e embrutece, quando não desperdiça sua vida numa tragédia inútil. O Capitão, desta vez, mostrava-se bastante irritado. Afonso era um escravo valioso, jovem, sadio e fiel. Não era desses para se ir entregando às feras a torto e a direito: mandara o escravo Joca, conhecedor de todas as cafuas da região, procurar Afonso. Ele voltara e dissera não o haver encontrado, nem rastro. O coração de D. Genu gemia e chorava. No correr da noite, as contas do rosário escorregaram sem parar pelas suas mãos maltratadas. Tinha confiança na Virgem do Pilar. Estava certa do regresso de seu filho. Mas a ansiedade judiava com seu coração.

Maria d’Abadia estava aflita e arrependida. Nunca fora tão longe nos seus caprichos. Por que era cruel com Afonso,

aquele jovem cativo tão bondoso, tão inteligente e tão triste? Por que sentia prazer em humilhá-lo, em mostrar-lhe a todo instante sua condição de cativo, de objeto em suas mãos? E se o arrependimento fosse tardio? Ela nunca havia parado para meditar na vida infeliz, daqueles seres humanos, filhos talvez de uma raça altiva, reduzidos à condição de animais de prestação de serviços nas mãos de seus insensíveis senhores. Ela se esquecia de que eles também tinham alma, tinham sonhos, anseios de amor. Afonso era um jovem. Ele também queria ter as suas alegrias, as coisas de sua própria vida, seus sonhos. Ela era egoísta, maldosa, uma peste mesmo. Que adiantava rezar, comungar, fazer caridade para os outros verem? O amor ao próximo, onde é que estava? Foi para seu quarto. Parou diante do Oratório. Seus lábios se moviam, mas sua alma não conseguia rezar.

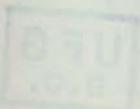
De tardezinha, no terceiro dia após a partida, chegou Afonso. Esfarrapado, faminto, dobrado de cansaço ao peso de seu fardo, olhos encovados, ele não se dirige à casa do Capitão Antônio d'Ávila. Vai primeiro cumprir uma promessa. Sobe a rua, rumo à Matriz. Ao vê-lo passar, sujo, rasgado, ferido, curvado ao peso de um estranho fardo, o arraial corre às portas e janelas. Os que transitam pelas ruas, param para espíá-lo. Uns o apontam. Que louco é aquele? Será perigoso? O Alferes precisa prendê-lo. Mas ele caminha firme, sem olhar para os lados, sem falar com ninguém. Entra na Igreja. Chega aos pés da Virgem do Pilar. Curva-se até o chão e beija as tábuas do altar. Em seguida, deposita, humildemente, como uma oferta à Nossa Senhora, o bonito couro da onça pintada. Nesse momento, os sinos tocaram, enchendo o povoado com seus sons divinos.

Daquele dia em diante, Afonso tornou-se um filho da casa. Foi dos primeiros negros alforriados pelo Capitão Antônio D'Ávila. Alcançando a liberdade, alcançou a instru-



ção e, mudando-se para a corte, ocupou lugar de destaque na luta abolicionista.

Sinhazinha casou-se com um rico senhor e tornou-se famosa como "a mãe dos escravos". Sua fama ultrapassou as fronteiras de Pilar para espalhar-se pela província, e ficou gravada para sempre na memória do povo.



DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA



MARIETTA TELLES MACHADO nasceu em Hidrolândia-Go. É filha de Olavo Telles e Auristella Machado Telles, de uma numerosa família de oito irmãos. Fez os estudos primários em sua terra natal, transferindo-se menina para Goiânia. Estudou interna no Colégio Santa Clara, onde fez o curso ginásial. Coursou o Clássico no Liceu de Goiânia e Direito e Letras na Universidade Federal de Goiás. Como Bolsista de várias instituições, fez cursos de especialização e de pós-graduação (luto sensu), pois é também Bibliotecária, em Medellín, Madrid, Paris e Rio de Janeiro. Assim, fez numerosas viagens à América Latina e Europa. Pertenceu ao Grupo de Escritores Novos — GEN, que na década de 60 veio sacudir o marasmo da Literatura Goiana e procurar caminhos de renovação, entrando em contato com os principais grupos de vanguarda do país. Trabalha na Universidade Federal de Goiás, colabora na imprensa goiana. É membro da União Brasileira de Escritores de Goiás e atualmente ocupa o cargo de Vice-Presidente. Ganhou o Concurso Hugo de Carvalho Ramos, um dos mais importantes prêmios da Literatura Goiana, em 1977 com seu livro de contos "Narrativas do Quoticiano" e nesse mesmo ano recebeu o Troféu Tiokô como destaque na Literatura. Como Bibliotecária, liderou o

movimento pela fundação de associações de classe e pela criação do Curso de Biblioteconomia, na UFG. É conferencista, contista e escreve peças de teatro para criança, dedicando-se também à Literatura Infantil e Juvenil. Publicou os seguintes livros:

1. *Girassóis em Transe (crônicas e mini-contos). Goiânia, Imprensa da UFG, 1968.*
2. *As doze voltas da noite (contos). Goiânia, Oriente, 1971.*
3. *Encontro com Romãozinho (contos infantis). Goiânia, Oriente, 1976.*
4. *Narrativas do Quotidiano. Goiânia, Oriente, 1978.*
5. *O Congresso das Bruxas. (contos infantis). Goiânia, CEC/Líder, 1978.*
6. *O Burrinho do Presépio. Goiânia, Ed. da UFG, 1983.*
7. *A Traição nas Terrinhas do Coelho. (peça infantil) Goiânia, Onda Ed., 1984.*

Participa, também, de algumas antologias de poesia e prosa.



Esta obra foi executada na
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Vice-Reitoria Administrativa – Divisão Gráfica e Editorial
Av. Universitária, 1440 – Fone: 225-1188 - Ramal 213
Goiânia – Goiás
BRASIL

1463/
Este livro deve ser
data co

114

114 JUN 2006

ela levanta um material adormecido na tradição popular, recria-o a seu modo, madura e conscientemente, transformando e originalizando o texto.

Há as que são frutos de sua imaginação como **A CASA DA TORRE, A LENDA DO URUTAU** e a **LENDA DO PEQUI**, esta, sem dúvida, a mais rica e mais linda do livro. Outras, como **A VOZ DOS SINOS** e **DIABO VELHO**, recriadas, receberam tratamento especial, alcançando grande beleza.

Os casos dos **TESOUROS DESENTERRADOS**, cheios de "suspense", fizeram-nos voltar à quadra da infância, quando escutávamos, dos mais velhos, coisas iguais, que vinham enfeitadas, como faz Marietta, de profundo mistério. Os heróis míticos são vistos em toda sua força e capacidade de ser.

OS FRUTOS DOURADOS DO PEQUIZEIRO não é apenas um lindo livro que se envolve em doce tom poético, vindo das fontes dos quais se originou tudo o que o compõe: é precioso repositório de nossas melhores e mais belas lendas, de nossos mais estranhos e curiosos casos de mistério e de aparições. Mostra-nos as fontes seguras de nosso magnífico folclore e precisa ser levado às escolas, para conhecimento e apreciação de nossos estudantes.

Marietta confirma, com mais este livro, sua forte presença na literatura goiana que ela vem, em sua brilhante carreira, enriquecendo com um trabalho versátil e substancial.

COLEÇÃO DE

NÃO CIRCULA
BIBLIOTE

NELLY ALVES DE ALMEIDA

